



## **Relatório Final de Estágio Pedagógico**

Relatório Final de Estágio Pedagógico realizado na Escola Básica 2,3 Gaspar Correia, com vista à obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

**Orientadora da Faculdade de Motricidade Humana:**

Mestre Maria da Conceição Ribeiro Rexêlo Pedro

**Orientador da Escola EB 2,3 Gaspar Correia:**

Mestre Luís Manuel de Almeida Duarte

**Júri:**

**Presidente**

Doutor Marcos Teixeira de Abreu Soares Onofre, professor associado da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

**Vogais**

Doutora Ana Maria Silva Santos, professora auxiliar da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Mestre Maria da Conceição Ribeiro Rexêlo Pedro, professora assistente convidada da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Mestre Luís Manuel de Almeida Duarte, docente da Escola Básica 2,3 Gaspar Correia

**Diogo Filipe Araújo Soares**

**2014**

**Júri:****Presidente**

Doutor Marcos Teixeira de Abreu Soares Onofre, professor associado da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

**Vogais**

Doutora Ana Maria Silva Santos, professora auxiliar da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Mestre Maria da Conceição Ribeiro Rexêlo Pedro, professora assistente convidada da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Mestre Luís Manuel de Almeida Duarte, docente da Escola Básica 2,3 Gaspar Correia

***“A educação é a ferramenta mais poderosa que podemos usar para mudar o mundo.”***

Nelson Mandela

## **Agradecimentos**

Aos meus pais por todo o apoio e estabilidade que me proporcionaram durante todos estes anos. Sem eles não tinha a possibilidade de seguir aquilo com que sempre sonhei.

À minha irmã, por ter sempre acreditado em mim, e pela constante valorização de tudo o que faço.

Aos meus colegas de estágio, pela amizade e pelos momentos passados que jamais esquecerei.

Ao meu colega de estágio e grande amigo, Alexandre Mártires, que me tem acompanhado ao longo destes nove anos. Pelos momentos passados, e por todos aqueles que ainda estão para vir.

Ao professor Luís Duarte, por toda a orientação e partilha de conhecimento. Agradeço a contribuição preponderante na minha formação.

À professora Conceição pelo acompanhamento que me forneceu ao longo do ano.

Por último, mas não menos importante, agradeço à minha namorada, Ana Lúcio, por todo o amor e principalmente pela revisão deste relatório.

A todos, o meu sincero obrigado!

## Resumo

O presente relatório tem como objetivo analisar e refletir o processo de estágio pedagógico em Educação Física no ano letivo 2013/2014, desenvolvido no Agrupamento de Escolas da Portela e Moscavide, na Escola Básica 2,3 Gaspar Correia, Portela, Loures.

No contexto onde decorreu o estágio, destaca-se a grande dinâmica apresentada pelos professores do departamento de Educação Física para melhorar e aproximar todos os intervenientes do agrupamento.

Verificou-se uma evolução significativa do professor estagiário principalmente ao nível das competências relacionadas com a organização e gestão das aprendizagens. O projeto de investigação permitiu concluir que a autonomia dada às escolas é um aspeto fundamental na gestão dos currículos e na leção das aulas de Expressão e Educação Físico Motora. As áreas de participação na escola e relação com a comunidade revelaram-se fundamentais para melhor compreender todas as tarefas inerentes às funções de professor.

Como conclusão, a reflexão realizada a todo o processo de estágio indicou caminhos e necessidades de desenvolvimento que ainda subsistem.

Numa reflexão final, realça-se a transversalidade das diferentes áreas de intervenção do estágio pedagógico, destacando os principais pontos de intervenção do professor.

**Palavras-chave:** educação física; reflexão; aprendizagens; expressão e educação físico motora;

## **Abstract**

The following report aims to analyze the educational internship of Physical Education in the academic year of 2013/2014, developed in the School District of Portela and Moscavide, in Escola Básica 2, 3 Gaspar Correia, Portela, Loures.

During the internship, it was observed a great involvement of the Physical Education Department, to improve and bring together all the participants of the School District.

The Intern Teacher showed a great evolution, mainly in organizational and learning management skills.

There was a significant evolution of the intern primarily at the level of skills related to organization and management of learning teacher. The research project established the fundamental importance of the curricula management and the teaching methods in the Motor Expression and Motor Skills classes. The teacher's out-of-class tasks and his relationship with the community revealed to be essential to better understanding the teacher's role within the school.

The analysis showed that some aspects of the teacher's development still have room to improve. It also proved the diverse intervention areas of the pedagogical internship, bringing to light the main tasks of the teacher.

**Keywords:** physical education; reflection; learning; motor expression and physical education.

# Índice Geral

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>2. CONTEXTUALIZAÇÃO</b>	<b>3</b>
2.1. PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA	3
2.2. AGRUPAMENTO DE ESCOLAS PORTELA E MOSCAVIDE	4
2.3. ESCOLA BÁSICA 2,3 GASPAR CORREIA	6
2.4. DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA	8
2.5. NÚCLEO DE ESTÁGIO	8
<b>3. ANÁLISE CRÍTICA E REFLEXIVA</b>	<b>10</b>
3.1. ÁREA 1 – ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ENSINO APRENDIZAGEM	10
3.1.1. TURMA	11
3.1.2. PLANEAMENTO	13
3.1.2. AVALIAÇÃO	19
3.1.3. CONDUÇÃO DO ENSINO	24
3.2. ÁREA 2 – INOVAÇÃO E INVESTIGAÇÃO PEDAGÓGICA	29
3.3. ÁREA 3 – PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA	34
3.3.1. DESPORTO ESCOLAR	34
3.3.2. ATIVIDADE INTERNA	38
3.3.3. DINAMIZAÇÃO DA ESCOLA	39
3.4. ÁREA 4 – RELAÇÃO COM A COMUNIDADE	42
3.4.1. ACOMPANHAMENTO DA DIREÇÃO DE TURMA	42
3.4.2. ESTUDO DE TURMA	45
<b>4. REFLEXÃO FINAL</b>	<b>46</b>
4.1. TRANSVERSALIDADE DAS ÁREAS	46
4.2. PERSPETIVAS FUTURAS	48
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>51</b>
<b>6. ANEXOS</b>	<b>54</b>

## **Índice de Anexos**

Anexo 1 - Regulamento Interno 2012

Anexo 2 - Projeto Educativo 2011-2015

Anexo 3 - Projeto Curricular de Agrupamento 2009-2010

Anexo 4 - Projeto Curricular de Educação Física 2011-2015

Anexo 5 - Protocolo de avaliação inicial 2013-2014

Anexo 6 - Estudo de turma 8<sup>º</sup>3<sup>a</sup>

Anexo 7 - Plano anual de turma 8<sup>º</sup>3<sup>a</sup>

Anexo 8 – Guia de avaliação

Anexo 9 – Projeto de Investigação

Anexo 10 – Projeto Desporto Escolar

Anexo 11 – Projeto Passeio de Bicicleta

Anexo 12 – Projeto Festival de Ginástica

Anexo 13 - Balanço SPTI

Anexo 14 – Balanço 1.º Ciclo



## **Abreviaturas**

Agrupamento de Escolas da Portela e Moscavide – AEPM

Atividades Físicas e Desportivas - AFD

Departamento de Educação Física – DEF

Desporto Escolar – DE

Educação Física – EF

Expressão e Educação Físico Motora – EEFM

Faculdade de Motricidade Humana – FMH

Necessidades Educativas Especiais – NEE

Plano Anual de Turma – PAT

Programa Nacional de Educação Física – PNEF

Projeto Curricular de Educação Física – PCEF

Projeto Educativo – PE

Regulamento Interno – RI

Sociedade Portuguesa de Educação Física – SPEF

Statistical Package for the Social Sciences - SPSS

## 1. Introdução

O estágio pedagógico em Educação Física (EF) “ constitui o culminar de uma formação que habilita profissionalmente para o desempenho de todas as atividades inerentes à função profissional de um Professor de Educação Física” (Guia de Estágio, 2013).

O estágio consistiu numa oportunidade única de formação, proporcionando-me diversos momentos de aprendizagem que se irão refletir na minha atividade enquanto docente. Sempre com uma perspetiva de aprendizagem e de evolução tentei ao máximo desenvolver e adquirir competências necessárias para o desempenho das funções inerentes à profissão de professor de EF.

Conforme refere Alarcão (2001):

A capacidade de investigação, que assenta fundamentalmente no questionamento e na reflexão, não pode restringir-se ao que se passa fora de nós. E é bom que, desde o primeiro momento, habituemos os nossos alunos a reflectirem sobre o seu currículo pessoal, a sua aprendizagem, o seu projeto de alunos que querem vir a ser professores (p.12).

Com efeito, o presente documento não se limita apenas a descrever o trabalho desenvolvido ao longo do ano de estágio, mas mais importante que tudo, procura fundamentar as atividades desenvolvidas com base numa análise crítica e reflexiva do mesmo. Com a consciência de que, como pessoa e professor de EF, estou constantemente em processo de formação, o meu caminho para a excelência não pode terminar aqui. Pelo que, através de uma reflexão projetiva, que apresento ao longo do documento, procuro abordar o meu futuro como profissional de EF e encontrar as estratégias que me possibilitam no futuro melhorar a minha atividade enquanto docente.

É desta forma que, numa primeira parte, caracterizo o contexto em que se inseriu o meu estágio, fazendo uma primeira análise ao meu percurso até a esta parte e quais as particularidades que encontrei no local de estágio – o agrupamento, a escola, o grupo de EF e o núcleo de estágio.

Numa segunda parte, são abordadas as quatro áreas através de uma descrição reflexiva e projetiva de todo o processo de formação, destacando a que mais me marcou e que mais me influenciou no meu processo de estágio: Área 1 - Organização e gestão do ensino e da aprendizagem; Área 2 - Inovação e investigação; Área 3 - Participação na escola e Área 4 - Relação com a comunidade.

Para terminar o relatório apresenta uma reflexão final onde faço uma crítica sobre todo o meu processo de estágio, relativamente à interligação das áreas, quais as principais necessidades de desenvolvimento e também os principais efeitos profissionais e pessoais.

## **2. Contextualização**

### **2.1. Professor de Educação Física**

Costa (1996) aponta para as experiências vividas enquanto alunos de EF, ou até mesmo como praticantes num clube desportivo, como um dos principais fatores de influência na aprendizagem e no significado do que é ser professor de EF.

Segundo Deward (1989) citado por Carvalho (1996) “(...) a escolha da ocupação docente encontra-se associada à possibilidade de continuarem associados ao desporto, à oportunidade de trabalharem com crianças, numa atmosfera de trabalho que lhes é familiar e positiva”.

A minha formação e educação sempre foi influenciada pelo desporto. Desde muito cedo iniciei esta minha aventura como atleta e rapidamente percebi que queria permanecer no mundo do desporto e da EF por muito tempo. Destacando o treino como a principal influência, entrei na Escola Superior de Desporto de Rio Maior, no curso de Treino Desportivo, onde concluí a minha licenciatura na vertente de futebol. Apesar de o mundo do futebol ser bastante vasto, resolvi abrir novas portas e candidatei-me ao Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Motricidade Humana, com o intuito de aumentar o leque de opções de trabalho e de experiências, tanto ao nível do desporto como também da EF.

As expectativas eram altas, atendendo a que considerava a faculdade como a melhor a nível nacional no que respeita à área da EF. Tendo uma formação inicial ao nível do treino, a adaptação a esta nova realidade não foi fácil. Tentei aproveitar ao máximo todas as oportunidades de formação, quer a nível teórico, quer a nível prático, de forma a colmatar as lacunas que ia sentido ao longo dos anos. Com a chegada do ano de estágio, senti que ainda havia muitas dificuldades que tinham de ser superadas, nomeadamente ao nível do planeamento e da avaliação e sabia que tinha de fazer um esforço suplementar para poder responder positivamente a essas lacunas.

Sempre com confiança nas minhas capacidades e com a noção do que iria enfrentar, comecei então o meu processo de estágio com o simples objetivo: tornar-me no melhor profissional possível, aprendendo cada vez mais.

## **2.2. Agrupamento de Escolas Portela e Moscavide**

O Agrupamento de Escolas de Portela e Moscavide (AEPM) está situado no concelho de Loures, e serve a freguesia de Moscavide e Portela. A sua atividade foi iniciada no ano letivo de 2003/2004 e é constituído neste momento por cinco escolas que vão desde o pré-escolar até ao ensino secundário: a escola sede, Escola Secundária da Portela, a Escola Básica 2,3 Gaspar Correia e as escolas de primeiro Ciclo, nomeadamente, a EB1/JI da Portela, a EB1/JI Quinta da Alegria e a EB1 Dr. Catela Gomes.

O agrupamento onde se insere o meu estágio pedagógico, apesar da recente estruturação ao nível das escolas que o constituem, revela uma maior uniformização das informações e dos procedimentos nos diferentes estabelecimentos de ensino. Com o intuito de promover uma maior articulação entre as diferentes escolas, a interatividade entre os elementos da comunidade escolar, e uma cultura de cidadania, foram elaborados vários documentos orientadores para todo o agrupamento: Projeto Educativo (PE), Regulamento Interno (RI) e os planos anual e plurianual de atividades.

De acordo o n.º 1 do art.º 9.º do decreto-lei n.º 75/2008 de 22 de abril, pode ler-se, na sua alínea a), que o PE é:

O documento que consagra a orientação educativa do agrupamento de escolas (...), elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão para um horizonte de três anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais o agrupamento de escolas (...) se propõe cumprir a sua função educativa (p. 2344)

Este documento resulta da análise do contexto, imprimindo-lhe marcas relativas à identidade própria e aos seus próprios valores. Implica a enunciação dos princípios, a análise de necessidades (individuais, sociais, culturais e curriculares) e do contexto (meio, escolas, alunos) e a tomada de opções e definição de prioridades (Gomes, 2001).

Em relação ao Regulamento Interno, é este o documento que define o regime de funcionamento do Agrupamento, de cada um dos seus órgãos de administração e gestão, das estruturas de orientação e dos serviços administrativos, técnicos e técnico-pedagógicos, bem como os direitos e os deveres dos membros da comunidade escolar.

Os Planos Anual e Plurianual de Atividades são documentos de planeamento que, tal como refere o Regulamento Interno do AEPM (2012, p.10) definem os objetivos, as formas de organização e de programação das atividades e procedem à

identificação dos recursos necessários à sua execução. Importa referir que a sua realização tem sempre de base o PE.

Estes documentos permitem uniformizar todo o processo educativo. Caso não existissem, podiam ocorrer situações controversas, pois dentro do mesmo agrupamento de escolas poderiam existir visões divergentes em relação à educação. São estes documentos que operacionalizam as linhas de atuação nas diversas áreas de intervenção, tendo em conta os diferentes intervenientes no processo educativo. Assim, constata-se que estes documentos são realmente importantes, pois permitem criar uma identidade e filosofia de trabalho idêntica para todas as escolas do AEPM.

No Projeto Educativo (2012), através de uma análise Swot, são definidas as áreas de intervenção a melhorar:

1 - Melhorar a comunicação no Agrupamento; 2 - Promover o envolvimento do pessoal não docente na vida do Agrupamento; 3 - Diminuir a indisciplina; 4 - Promover uma melhor articulação entre ciclos; 5 - Melhorar o tratamento de dados e 6 - Promover o sucesso educativo no Agrupamento (p.13).

### **2.3. Escola Básica 2,3 Gaspar Correia**

A EB 2,3 Gaspar Correia foi a escola onde desenvolvi a maioria das minhas atividades de estágio. É uma escola com 40 anos de existência, situa-se na Avenida das Escolas, nº 9, 2685-204 Portela Loures. Esta escola tem como patrono Gaspar Correia, cronista do século XVI e autor da obra “Lendas da Índia”.

Esta escola acolhe, maioritariamente, alunos oriundos das freguesias da Portela e de Moscavide, mas também de outras freguesias.

A população estudantil é socialmente muito heterogénea apresentando assimetrias que, praticamente tocam os extremos da escala social. A maioria dos encarregados de educação encontram-se ligados aos setores dos serviços/comércio, possuindo habilitações entre o 3.º Ciclo e o ensino secundário.

Em relação às infraestruturas, a escola conta com sete pavilhões identificados com letras, sendo um de instalações desportivas, contando também com espaços exteriores desportivos. Os pavilhões A, B e C são constituídos, essencialmente, por salas de aula. No pavilhão C destaca-se também o gabinete do serviço de psicologia e orientação. No pavilhão D, para além das salas de aula, encontra-se a biblioteca escolar. O pavilhão E, dispõe de dois bares, um para os professores e outro para os alunos, assim como a papelaria, a sala de professores e a sala de convívio dos alunos. Existe ainda um pavilhão onde se encontra o refeitório, a cozinha, a sala de direção de turma e a da coordenação da escola. Todos os pavilhões estão ligados entre si através de uma galeria coberta, estando rodeados de espaços amplos, onde se podem ver com frequência alunos a praticarem atividade física. Os espaços exteriores de EF são utilizados pelos alunos em tempo letivo, mas também nos intervalos, tornando-se espaços de recreio. Assim, considero que as infraestruturas e a configuração da escola estimulam a prática de atividade física por parte dos alunos.

As instalações disponíveis para a prática da EF vêm descritas no Projeto Curricular de Educação Física (PCEF) e dividem-se em três espaços distintos, nomeadamente, G1, G2 e G3. Os espaços G1 e G2 são espaços interiores que fazem parte do mesmo pavilhão, enquanto o espaço G3 é um espaço exterior.

Importa referir que o espaço G1 contém duas tabelas de basquetebol, uma baliza de futebol, uma rede de voleibol (desmontável) e é o único que possui material de ginástica. O espaço G2 contém quatro tabelas de basquetebol, uma baliza de futebol e duas redes de voleibol (desmontáveis).

De acordo com o *roulement*, descrito no PCEF, o professor que leciona no espaço G3 tem à sua disposição três espaços distintos, sendo eles: opção A - Um campo de futebol ou andebol com uma pista de atletismo; opção B - Um campo de

basquetebol com um campo de voleibol anexado e opção C - Dois campos de basquetebol, um campo de futebol ou andebol, uma pista de velocidade com uma caixa de salto.

O sistema de rotação está estipulado no PCEF, como já foi referido, onde se define que cada turma mantém os espaços para cada aula, por duas semanas consecutivas, existindo assim três rotações que se irão repetir sucessivamente ao longo de todo o ano letivo.

Caso se verifiquem condições atmosféricas adversas, sobretudo em caso de precipitação, a turma que está no espaço exterior (G3) desloca-se para o espaço interior. Assim sendo, quando estão três professores a lecionar no espaço interior, metade do espaço G2, que ocupa 2/3 do pavilhão, é cedido ao professor que estava no campo exterior, ficando assim cada professor com 1/3 do pavilhão à sua disposição.

Em termos de recursos materiais, a escola encontra-se bem apetrechada, contendo materiais adequados à prática das matérias nucleares da disciplina de EF.

Esta escola tem a tradição de se abrir à comunidade e de dar a conhecer os seus projetos e a sua dinâmica, com a colaboração da junta de freguesia de Moscavide e Portela e da Câmara Municipal de Loures, a qual tem contribuído em todos os projetos. Como exemplo, apresento uma dessas atividades, que é o festival gímnico da Portela, que já conta com X edições, tendo a última sido organizada e dinamizada pelo núcleo de estágio de EF da FMH.

Como é referido no PE do AEPM (2011/2015,p.9), “o Município tem um papel de grande destaque na vida do Agrupamento (...) sendo que este celebra vários acordos e protocolos com instituições educativas públicas e particulares, coletividades e outras, consideradas de interesse para a melhoria do sistema educativo”.

No que diz respeito à relação pessoal e relacional entre os elementos da comunidade educativa, considero que há um clima bastante prazeroso entre o pessoal docente e discente.



## **2.4. Departamento de Educação Física**

O Departamento de Educação Física (DEF) foi criado no ano letivo 2012/2013, tornando-se autónomo das Expressões. Atualmente, o departamento é composto por um total de 22 professores.

Trata-se de um departamento bastante dinâmico, que ao longo do ano organiza várias atividades desportivas no agrupamento de escolas, tendo sempre a preocupação de envolver todos os alunos, sensibilizando-os para a prática desportiva.

Durante o ano letivo, este departamento foi bastante ativo. No início do ano realizou reuniões quinzenais, passando, no 2.º período, a ter reuniões mensais. Nestas reuniões, tomaram-se decisões diversas como por exemplo: o estabelecimento dos critérios avaliação de EF, a organização de atividades desportiva na escola, a definição dos núcleos de desporto escolar, entre outras.

Na minha perspetiva, o DEF favorece a quantidade e qualidade das atividades desenvolvidas pelo AEPM, permitindo envolver simultaneamente os alunos das várias escolas do agrupamento, assim como toda a comunidade educativa.

## **2.5. Núcleo de estágio**

O núcleo de estágio foi constituído por dois orientadores, o orientador de escola, e o professor orientador de faculdade, e por três professores estagiários.

Em relação aos meus colegas de estágio, posso afirmar que foram extremamente importantes no meu percurso enquanto professor estagiário. A relação existente entre nós foi sempre pautada por enorme entreajuda e cooperação, existindo confiança para discutir qualquer assunto e criticar ou ser criticado. Este espírito foi fundamental, pois permitia-nos refletir em conjunto para encontrar as melhores estratégias e tomar as melhores opções relativas às atividades desenvolvidas.

De acordo com Onofre (1996), a formação de professores pode ser entendida como o processo contínuo e sistemático de aprendizagem no sentido da inovação e aperfeiçoamento de atitudes, saberes, saberes-fazer e da reflexão sobre valores que caracterizam o exercício das funções inerentes à profissão docente. O facto de termos estados os três presentes em todos os momentos do ano letivo permitiu-nos discutir e refletir sobre as diferentes estratégias, bem como identificar os pontos menos positivos, de forma poder melhorá-los.

De salientar o relacionamento estabelecido com o professor orientador da escolar, que também foi extremamente positivo e formativo, pois demonstrou grande ajuda e disponibilidade para discutir todos os assuntos. A sua experiência e

conhecimento denotou-se ao longo de todo o ano, contribuindo, de forma muito positiva, para a minha formação e aprendizagem enquanto futuro professor.

A professora orientadora de faculdade também demonstrou, ao longo de todo o ano, grande disponibilidade para ajudar, para esclarecer dúvidas e para dar o seu parecer sobre as atividades e projetos que foram desenvolvidos.

Tal como refere Onofre (1996) “A supervisão é uma relação sistemática que implica um contacto frequente entre os seus intervenientes. Supõe também um contacto íntimo porque deve sustentar-se numa proximidade e compreensão profunda entre formador e formando.” Assim sendo, estas relações estabelecidas entre professor orientador e professor estagiário, influenciaram positivamente o meu percurso.

### **3. Análise crítica e reflexiva**

Contextualizado todo o meio envolvente do meu processo de estágio pedagógico, através da descrição de todas as componentes que estiveram na base do que foi desenvolvido, entende-se que o relatório de estágio deverá ser construído com base na “capacidade de refletir sobre o impacto do estágio no (...) desenvolvimento pessoal e profissional. Deve centrar-se na reflexão sobre o trabalho desenvolvido, com uma dimensão crítica refletindo a capacidade para apreciar as consequências” (Guia de Estágio, 2013).

Tal como refere Onofre (1996), a “reflexão sobre ideias ou competências (...) contribui para o desenvolvimento e consolidação de uma percepção mais concreta e realista sobre as capacidades e potencialidades pessoais”.

Com efeito, a análise crítica que apresentarei de seguida tem como objetivo refletir sobre o trabalho desenvolvido ao longo do ano, tentando perceber quais foram os meus pontos fortes, como também apresentar as dificuldades que fui sentindo, tendo por base as reflexões que fiz sobre as estratégias implementadas para que pudesse evoluir e superar essas minhas dificuldades.

A minha reflexão foi estruturada tendo por base a forma como o estágio pedagógico foi organizado, e nesta procuro refletir cada uma das quatro áreas de intervenção do professor estagiário.

#### **3.1. Área 1 – Organização e Gestão do Ensino Aprendizagem**

Segundo Costa (1996), “ensinar é um processo de investigação e experimentação, aprendendo os professores a ensinar através da reflexão na acção e da reflexão sobre a acção”

Para além das competências que são exigidas a um professor no que respeita às diferentes áreas de organização e gestão do ensino, o planeamento, a avaliação e a condução, o professor terá de ser capaz de refletir sobre elas, quer antes, durante ou depois da ação propriamente dita.

Ensinar bem consiste em ser capaz de, nas circunstâncias mais diferenciadas, criar os contextos de aprendizagem mais favoráveis para que todos os alunos, sem exceção, possam aprender (Onofre, 1996). Assim podemos depreender que a qualidade da aprendizagem dos alunos está intimamente ligada com a qualidade do desempenho do professor. Sendo esta uma área de bastante preponderância no EP, será sobre ela que irei fazer uma reflexão mais aprofundada ao longo do meu relatório de estágio.

### 3.1.1. Turma

As tarefas relacionadas com o planeamento, avaliação e condução do ensino foram desenvolvidas na turma 3 do 8.º ano de escolaridade. A turma aparece neste contexto para uma melhor compreensão de todas as decisões tomadas e idealizadas nas diferentes áreas de intervenção, sendo que considero importante proceder a uma caracterização da turma onde evolui e cresci como professor.

A referida turma é composta por 26 alunos, 13 raparigas e 13 rapazes, com idades compreendidas entre os 11 e os 17 anos e com uma média de aproximadamente 14. Atendendo a que uma aluna, não compareceu a nenhuma aula durante o ano letivo, esta ficou reduzida a 25 alunos, não havendo mais nenhuma alteração até ao final do ano.

Esta turma sofreu alguns ajustes, onde grande parte dos alunos era proveniente do 7.º ano, turma 4, ao que se juntaram quatro alunos repetentes do 8º ano. A turma apresentou uma certa heterogeneidade em diferentes aspetos, tais como, o comportamento e a maturidade de alguns elementos, devido à disparidade das idades dos alunos. Para além destas características, estavam representadas na turma diferentes nacionalidades, entre elas: a portuguesa, a guineense, a angolana, a indiana e a romena. Este facto vem realçar, ainda mais, a heterogeneidade referida anteriormente.

Relativamente à dinâmica da turma, observou-se uma grande coesão entre os alunos. Apesar desta coesão, a turma revelava alguns casos preocupantes no início do ano, relativamente à pouca inclusão de alguns elementos. Neste aspeto, destaco dois alunos com necessidades educativas especiais (NEE) que, pelo facto de não frequentarem grande parte das aulas com a turma, raramente participavam nas atividades de recreio e lazer com os colegas. Para além destes dois casos, a turma incorporava ainda um aluno com uma Perturbação na Atenção, no Controlo Motor e na Perceção (Síndrome de DAMP), por esse motivo, era frequente observá-lo a brincar de forma isolada, distante dos colegas. Além dos alunos com NEE, existiam alunos na turma, que devido ao seu comportamento rebelde, apresentado na sala de aula, eram constantemente colocados de parte. Consequentemente, a formação de grupos tornou-se uma grande dificuldade, devido às incompatibilidades relacionais entre os alunos.

O principal problema evidenciado pela turma refere-se ao comportamento e à grande imaturidade por parte de alguns alunos. Este foi um diagnóstico feito pelo grupo de docentes da turma, o que dificultava o cumprimento das tarefas planeadas pelos diferentes professores da turma. De forma geral, o comportamento da turma não

era o mais adequado, sendo constante o barulho na sala de aula e a pouca concentração nas tarefas propostas. Por diversas vezes, os alunos foram chamados à atenção, mas surtia pouco efeito já que no segundo período a turma foi proposta pela direção, para frequentar aulas suplementares.

Registadas estas características, essencialmente no decorrer do 1.º período, e documentadas através da elaboração do estudo de turma, encontrei diversas dificuldades o que me obrigou a realizar uma reflexão constante à procura de estratégias para ultrapassar as dificuldades demonstradas pela turma. Chego ao final do meu estágio com a noção de que, mesmo com as diversas dificuldades sentidas, o trabalho desenvolvido foi bastante positivo principalmente no que respeita ao relacionamento dos diversos elementos da turma.

Foi sem dúvida um ano bastante produtivo. Houve uma notória evolução, quer minha como professor, quer dos alunos, que conseguiram progredir de forma satisfatória face às diferentes adversidades sentidas no seio da turma.

### 3.1.2. Planeamento

Segundo Teixeira (2007), “a tarefa de planear é sempre percepcionada como complicada”. Esta foi a principal dificuldade que senti ao longo do meu ano de estágio, sentindo logo dificuldades no planeamento da avaliação inicial.

De acordo com o Jacinto, Comédias, Mira, & Carvalho (2001), “o objecto da primeira etapa de trabalho com a turma, no começo do ano lectivo, é a avaliação inicial, cujo propósito fundamental consiste em determinar as aptidões e dificuldades dos alunos nas diferentes matérias do respectivo ano de curso”.

Sendo a avaliação inicial o objeto da primeira etapa de trabalho, a primeira tarefa a ser realizada foi a análise e reformulação do protocolo de avaliação inicial da escola, no sentido de o tornar o mais operacional possível, trabalhando sempre em conjunto com os meus colegas de estágio e discutindo as decisões tomadas com o orientador de escola.

De acordo com Jacinto et al. (2001)

A discussão e acerto sobre o modo de “olhar” para os alunos em actividade, e o sistema de registo escolhido, embora traduzível por todos na mesma linguagem, deverá ser passível de adaptação ao estilo pessoal de cada um e permitir a recolha de todas as informações que cada professor considere úteis para a preparação do seu trabalho (p. 22).

Neste sentido procedemos à alteração de alguns exercícios, bem como das grelhas de registo e os respetivos objetivos para cada ano de escolaridade. As alterações foram feitas de modo a simplificar a tarefa do professor no que respeita à avaliação inicial dos seus alunos, sempre em consonância com os objetivos definidos para cada ano de escolaridade no PCEF, elaborado de acordo com o Programa Nacional de Educação Física (PNEF).

Citando Rosado e Silva (1999), a avaliação diagnóstica/inicial “permite identificar problemas, no início de novas aprendizagens, servindo de base para decisões posteriores, através de uma adequação do ensino às características dos alunos”. Foi então neste sentido que todas as matérias definidas no protocolo foram abordadas ao longo da 1.<sup>a</sup> etapa, permitindo desta forma a elaboração do plano anual de turma e das etapas seguintes. Esta é uma etapa que permite identificar o nível inicial da turma e de cada aluno nas diferentes matérias, o que permite obter um conjunto de informação pertinente na elaboração dos documentos acima mencionados.

A etapa de avaliação inicial permite, tal como refere Rosado (2003), “obter informação de quais os alunos e matérias críticas, orientar a formação de grupos de

nível, definir as bases de diferenciação do ensino e decidir (...) quais os objetivos prioritários e quais os objetivos secundários”.

A informação recolhida permitiu saber quais os alunos com maior dificuldade, quais as matérias prioritárias, orientar a formação de grupos de nível, quais as bases de diferenciação do ensino bem, como, definir os objetivos anuais, de entre várias outras informações, não só para a elaboração do plano anual de turma e das etapas seguintes ou até mesmo de aspetos relacionados com o estudo de turma.

No planeamento da etapa optei por definir mais do que uma aula para realizar a avaliação dos alunos visto que, segundo Teixeira (2007), outra das grandes dificuldades dos professores estagiários reflete-se na avaliação inicial da turma. Logo aqui começaram a surgir as primeiras interrogações quanto ao planeamento, já que o tempo destinado para a realização da avaliação inicial não permitia a programação de duas aulas para cada matéria. Desta forma, optei por abordar todas as matérias pelo menos uma vez e nas matérias que tive maior dificuldade, optei por realizar uma segunda aula de observação.

Esta estratégia teve como intuito lembrar alguns conceitos básicos nalgumas matérias, visto que tinha como objetivo, nesta etapa, não só realizar a avaliação dos alunos, mas também proporcionar momentos de aprendizagem/recuperação. Penso que foi uma mais-valia poder planear a avaliação das matérias em duas aulas distintas porque, por um lado, permitiu ter mais tempo de observação e por outro, permitiu um maior tempo de aprendizagem.

Após esta primeira etapa, com base nos resultados obtidos, comecei então a elaboração do Plano Anual de Turma (PAT), sendo este o documento mais importante a nível de planeamento pois é o principal orientador do trabalho realizado com a turma. Como refere Rosado (2003), este é um documento que “integra a organização, o acompanhamento, a avaliação, as estratégias de diferenciação pedagógica (...), objetivos, estratégias, conteúdos, e meios que concretizam o projeto educativo anual para uma turma em particular”. Desta forma, considero que o documento elaborado refletiu as principais características, dificuldades, objetivos e estratégias a adotar para a turma.

Mais especificamente, ao nível do PAT, o PCEF do AEPM define, em termos de orientações gerais, a criação de quatro grandes etapas: a 1.<sup>a</sup> de prognóstico, a 2.<sup>a</sup> de prioridades, a 3.<sup>a</sup> de progressão, e a 4.<sup>a</sup> de produto, o que vai ao encontro das orientações do PNEF.

Jacinto et al. (2001), indica que:

O plano de turma deverá considerar a organização geral do ano lectivo em etapas, ou seja, em períodos mais reduzidos de tempo que facilitem a orientação e regulação do

processo de ensino-aprendizagem. Estas etapas devem assumir características diferentes, ao longo do ano lectivo, consoante o percurso de aprendizagem dos alunos e as intenções do professor (p. 25).

Neste sentido, também Rosado (2003) identifica as quatro etapas como: Introdução, Aprendizagem, Desenvolvimento e Conclusão, sendo que desta forma, seguindo as orientações recomendadas, defini as seguintes etapas: 1.<sup>a</sup> Etapa – Avaliação inicial: 16 de setembro a 25 de outubro, 2.<sup>a</sup> Etapa – Recuperação e aprendizagem: 28 de outubro a 17 de dezembro, 3.<sup>a</sup> Etapa – Aprendizagem e desenvolvimento: 06 de janeiro a 04 de abril, 4.<sup>a</sup> Etapa – Revisão/Consolidação: 22 de abril a 06 de junho.

Com o final do ano letivo, refletindo sobre as opções tomadas ao nível das tarefas de planeamento, a definição em quatro etapas revelou-se positiva, possibilitando a recuperação dos elementos básicos de cada matéria, bem como a aprendizagem e o desenvolvimento de novas aprendizagens. Relativamente à 4.<sup>a</sup> etapa, esta foi um pouco mais curta do que as anteriores, o que dificultou a consolidação de alguns conteúdos. Outro fator que levou ao constante ajuste do planeamento foi o número excessivo de aulas, que não foram lecionadas devido à constante mudança dos objetivos das aulas planeadas e aos ajustes necessários a todo o processo.

A definição das matérias a lecionar foi realizada através do cálculo, em percentagem, do nível de insucesso da turma para as diferentes matérias, no que respeita aos objetivos estabelecidos para o 8.º ano de escolaridade. Facilmente defini as matérias prioritárias a serem lecionadas tendo também como referência a motivação dos alunos para a prática de certas matérias, o que numa fase inicial seria um fator dificultador do processo de condução do ensino.

Referente ainda à planificação do ano letivo, a definição dos objetivos foi outra das dificuldades encontradas, pois pequei pelo excesso de objetivos para cada etapa, levando, conseqüentemente à impossibilidade de os alunos atingirem os patamares pretendidos. Os conteúdos a abordar, em cada etapa, revelaram-se excessivos devido à minha dificuldade em prever os ritmos de aprendizagem de cada aluno.

Outro dos motivos que levou ao desajuste do planeamento foi a minha preocupação no que se refere aos aspetos relacionados com a condução do ensino, nomeadamente, na implementação de estruturas organizativas ou no controlo da atividade dos alunos. Como refere Onofre (1996), “as dificuldades de mais fácil superação (...) deverão ser tratadas primeiro que as dificuldades mais complexas”, sendo que “muitas vezes, as dificuldades identificadas pelos professores em formação são classificadas na área da organização”.



Como consequência das dificuldades sentidas ao nível do planeamento, a utilização do plano de aula, como elemento estruturante do trabalho desenvolvido foi uma constante no decorrer do 1.º período. Contudo, dificilmente consegui cumprir com o que estava estipulado em cada plano de aula, pois preocupava-me mais com o controlo da turma e com a organização e gestão do tempo da aula, e acabava por me esquecer de fazer uma reflexão sobre os objetivos atingidos e sobre os conteúdos programados. A estratégia adotada levou a uma falta de coerência e de sequência lógica das minhas aulas.

No início do 2.º período, com a implementação dos planos de unidade de ensino, procurei focar a minha atenção na revisão dos conteúdos abordados e realizar o reajustamento e adaptação de todo o planeamento referente às etapas seguintes. Desta forma, o reajustamento foi realizado no plano da 3.ª etapa e respetivas unidades de ensino. Assim sendo, só fiz ajuste da última etapa após as observações e reflexões sobre as aprendizagens dos alunos, referentes ao 2.º período.

Segundo Rosado (2003), a unidade de ensino é uma “aula ou conjunto de aulas agrupadas segundo diversos critérios pedagógicos”. Com os planos de unidade de ensino, segundo o *roulement*, consegui estruturar as aulas de forma idêntica, abordando quase sempre as mesmas matérias, desenvolvendo os mesmos objetivos. Esta forma de estruturar ajudou-me a ter um planeamento mais eficaz, mais simples e organizado, facilitando a condução, a avaliação e o planeamento do processo de ensino.

Apesar das dificuldades sentidas na elaboração destes planos, nomeadamente no que respeita à justificação das opções tomadas ao nível da organização das aulas, em reuniões com os orientadores, melhorei a produção dos planos de unidade de ensino. Ao longo do enquadramento fui melhorando todos os pormenores relacionados com a organização da aula, como por exemplo, a definição da formação de grupos, a rotação pelos espaços e o tempo de cada rotação.

A avaliação formativa foi englobada nas unidades de ensino e nos planos de etapa, assim como os objetivos para a área dos conhecimentos e da aptidão física. Os balanços no final de cada unidade de ensino permitiram aferir as decisões tomadas de uma forma programada e sistemática, de modo a interligar os dados da avaliação formativa com o planeamento efetuado. Consegui assim, garantir a progressão das aprendizagens dos alunos, de forma programada e gradual, tendo em vista a obtenção dos objetivos estipulados.

Ainda relativamente às unidades de ensino, outro aspeto que melhorou o planeamento deste documento foi o facto de ter tornado os objetivos mais simples e operacionais. Para além desta estratégia, comecei a utilizar critérios e indicadores,

que me permitissem realizar a avaliação dos alunos, relativamente aos objetivos estipulados para cada unidade de ensino. Desta forma, assegurei a diferenciação e progressão dos alunos nas suas aprendizagens.

No que respeita ao planeamento, é importante referir que o PAT é um documento passível de ser alterado, se de tal alteração resultarem benefícios em termos das aprendizagens dos alunos. Neste sentido, a principal alteração que realizei relaciona-se com a reformulação dos objetivos das diferentes matérias da área das atividades físicas e desportivas (AFD).

Como já foi referido anteriormente, senti a necessidade de simplificar e operacionalizar os objetivos definidos também ao nível do PAT. No caso dos alunos com mais dificuldades, senti que podia definir vários objetivos já que o processo de aquisição das aprendizagens proporcionava uma evolução bastante mais rápida do que no caso dos alunos mais evoluídos.

Por outro lado, após ultrapassadas as dificuldades ao nível do controlo e gestão do ensino, pude rentabilizar o tempo, o que me permitiu centrar nas questões relacionadas com os conteúdos das matérias. Desta forma, ainda no decorrer do 1.º período, consegui focar a minha intervenção e planificação nos objetivos das aprendizagens, e assim, planear tarefas com um carácter mais politemático. Segundo Rosado (2003), a este tipo de aulas estão associadas diversas vantagens, tais como, a distribuição das aprendizagens no tempo, facilitando a aquisição e a retenção dos conteúdos, a otimização da gestão de recursos e a motivação dos alunos para a prática motora. Este tipo de aulas possibilita também uma plasticidade mental dos alunos, como foi referido várias vezes pelos orientadores, facilitando também a *transfer* entre as diferentes matérias.

Relativamente ainda à planificação dos conteúdos, a última alteração realizada focou-se na utilização de situações de jogo reduzido, em oposição ou cooperação, principalmente a partir do final da 3.ª etapa até ao final do ano letivo. Devido às grandes diferenças de níveis entre os alunos da turma, este tipo de planificação não trazia grandes benefícios, pelo que no princípio do ano era recorrente a utilização de exercícios critério para a realização dos objetivos. Com o evoluir das capacidades de base dos alunos, os níveis foram-se aproximando tendo recorrido constantemente a situações de jogo na fase final de consolidação.

No que respeita ao planeamento dos objetivos da aptidão física, registei uma evolução clara das duas primeiras etapas do ano para as 3.ª e 4.ª etapas. Inicialmente, apesar de planificar alguns objetivos para esta área, não me foquei na realização dos mesmos. Mais uma vez, os aspetos relacionados com a organização das aulas limitavam a minha intervenção no que respeita à concretização destes objetivos.

Contudo, consegui promover rotinas, como por exemplo, a realização de exercícios de flexibilidade no final da aula, que proporcionaram trabalhar objetivos estipulados no planeamento das aulas.

No decorrer do 2.º período, com as dificuldades na condução do ensino superadas, consegui estabelecer objetivos mais concretos nas áreas da força muscular e da flexibilidade e realizar exercícios que permitissem o progresso da turma.

Ao nível dos conhecimentos, como refere Jacinto et al. (2001), “as actividades de aprendizagem que se referem aos conhecimentos (...) deverão ser consideradas no processo de planeamento, desejavelmente, de forma integrada nas aulas de EF” (p. 24). Uma das lacunas na minha planificação, referia-se à falta de objetivos para a área dos conhecimentos. Após a inclusão de algum tempo no final da aula para a reflexão sobre os conteúdos, comecei a incluir também alguns objetivos referentes à área dos conhecimentos nessas mesmas reflexões. Desta forma consegui promover a discussão sobre as temáticas relativas aos estilos de vida saudável entre os alunos. Posteriormente, no decorrer do 2.º período realizei de forma estruturada o planeamento de um trabalho de grupo sobre a área dos conhecimentos. Esta estratégia não teve o efeito desejado, já que alguns alunos da turma não realizaram o referido trabalho.

No último período, propus a realização de uma ficha formativa, onde avaliava, os estilos de vida saudável, as capacidades físicas e os conteúdos abordados nas diferentes matérias.

As estratégias utilizadas no planeamento dos diferentes momentos de instrução, condução e avaliação, dos conhecimentos, proporcionaram uma evolução gradual dos alunos. Desta forma consegui cumprir com os objetivos referentes ao 8.º ano de escolaridade para a área dos conhecimentos.

### 3.1.2. Avaliação

Como referido nas questões relacionadas com o planeamento, a primeira etapa foi a de avaliação inicial. Esta avaliação deve dar indicações que permitam prever a evolução de um objeto avaliado, fornecendo informação de orientação do processo formativo (Rosado & Silva, 1999). A avaliação inicial deverá determinar os objetivos formativos em função de uma predição do que é possível aprender, ou seja deve assumir também uma função preditiva, prognóstica sobre aquilo que os alunos poderão ou serão capazes de fazer ou realizar. Também segundo Rosado e Silva (1999), "...essa recolha de informação serve os propósitos de orientação e regulação do processo de ensino-aprendizagem ela deve ser entendida como eminentemente formativa".

Neste sentido, considero que consegui atingir os dois grandes objetivos a que me propus: diagnosticar e prognosticar o nível de cada aluno nas diferentes matérias e recolher informação que me permitisse estabelecer estratégias para garantir o sucesso do processo de ensino aprendizagem.

Durante o período de avaliação inicial foram avaliadas as três áreas de extensão da EF. Para além da avaliação das matérias já referida, foi também aplicada a bateria de testes do *fitnessgram* para avaliar a área da aptidão física e elaborado um questionário para a área dos conhecimentos. Todos estes testes vêm estipulados no protocolo de avaliação inicial, analisado e reformulado pelo núcleo de estágio.

Como já foi referido, durante este período de avaliação inicial tive a preocupação de abordar todas as matérias que estão estipuladas no protocolo de avaliação inicial, sempre com o principal objetivo de avaliar as capacidades de cada aluno, mas também com a preocupação de promover aprendizagem durante estas aulas. Não foi uma tarefa fácil já que nesta etapa a preocupação principal do professor é recolher informação para que a avaliação inicial seja fidedigna e ao mesmo tempo promover o ensino e aprendizagem dos alunos. As estratégias que adotei para conseguir atingir os objetivos a que me propus surtiram efeito, realizando sempre numa primeira fase da aula uma revisão dos conteúdos de cada matéria e seguindo-se depois uma fase de avaliação. Para além desta estratégia, o facto de optar por abordar algumas matérias em duas aulas, facilitou e muito este processo de ensino/revisão dos conteúdos. Desta forma, foi possível, não só aferir o nível de cada aluno com maior exatidão, como também perceber qual a capacidade de evolução de cada aluno para, posteriormente, realizar um prognóstico mais realista.

Considero que todas as estratégias utilizadas durante a etapa de avaliação inicial foram adequadas, pois consegui recolher informações sobre os alunos nas

diferentes matérias, realizando o respectivo diagnóstico e prognóstico. Os diagnósticos elaborados foram fiáveis, dado que foram realizadas poucas alterações aos níveis atribuídos aos alunos, nas variadas matérias.

Relativamente à avaliação formativa, segundo Cardinet (1993) citado por Rosado & Silva, (1999) ela “acompanha permanentemente o processo de ensino-aprendizagem, sendo fundamental para a qualidade da aprendizagem”. Desta forma, criei várias estratégias para que os alunos se pudessem integrar no processo de ensino aprendizagem. O maior mérito da avaliação formativa, tal como nos indicam Bloom, Hastings & Madaus (1973, citado por Rosado & Silva, 1999) é “a ajuda que ela pode dar ao aluno em relação à aprendizagem da matéria e dos comportamentos, em cada unidade de aprendizagem”. Neste caso, recorri à elaboração de um documento onde estavam explícitos os critérios de classificação da disciplina, bem como, os objetivos específicos para cada uma das matérias nucleares. Esta estratégia surtiu efeito nos alunos, pois verifiquei que os alunos recorriam ao documento, pedindo indicações e ajuda para atingirem determinados patamares/objetivos, com o intuito de melhorar a sua prestação nas diferentes matérias.

Com o intuito de regular o processo de ensino-aprendizagem durante o segundo período foram estabelecidas outras estratégias relativamente à avaliação formativa. Para além das reflexões no final das aulas, sobre os conteúdos e objetivos abordados durante a unidade de ensino, elaborei uma ficha de avaliação formativa para balizar as aprendizagens dos alunos, com referência aos objetivos adquiridos e por adquirir em cada uma das matérias.

“A avaliação formativa visa desta forma regular o processo de ensino-aprendizagem, detetando e identificando metodologias de ensino adaptadas ou dificuldades de aprendizagem dos alunos” (Rosado & Silva, 1999). É com este intuito que devo continuar a introduzir estratégias adequadas a este processo de avaliação, melhorando as minhas metodologias de ensino sempre com o objetivo de adaptar este processo às capacidades de cada aluno, promovendo a diferenciação do ensino.

“Os processos e os resultados da avaliação devem contribuir para o aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem e, também, para apoiar o aluno na procura e alcance do sucesso em EF no conjunto do currículo escolar...” (Jacinto *et al.*, 2001). Como vem descrito no PNEF, devo considerar que todas as estratégias que adotei relativamente à avaliação tinham como principal objetivo apoiar o processo de ensino-aprendizagem, sempre incluindo o aluno nas suas tarefas avaliativas. Mesmo assim, apesar de considerar que as estratégias estabelecidas durante esta etapa foram ao encontro do que vem estipulado no guia de estágio e nos programas, penso que esta é uma área onde poderei melhorar bastante. Em relação a esta avaliação

devo estruturar mais instrumentos de avaliação, estabelecer estratégias de observação/registo das competências adquiridas pelos alunos de forma a adequar os objetivos às necessidades reais de cada aluno. Um dos aspetos que devo melhorar no futuro será promover uma maior integração dos alunos no seu processo de formação, para que estes consigam atingir os objetivos propostos no PAT.

Em relação à área da aptidão física, como já foi referido optei por fazer uma avaliação geral de todos os testes do *fitnessgram* para poder ter uma ideia da turma no seu todo. Posteriormente, no final do 1.º período, realizei apenas os testes que vêm descritos no PCEF para os alunos que se encontravam na zona saudável da aptidão física (vaivém, e abdominais). No final de cada período foram repetidos os testes para que se possa proceder à avaliação dos alunos nesta área, tal como vem estipulado no PAT. Durante o 2.º período foi feita uma avaliação dos testes de resistência, força abdominal e força superior para averiguar qual a influência das pausas letivas na condição física dos alunos da turma. Pude constatar que os resultados não sofreram alterações significativas, o que possibilitou também a utilização dos testes para a avaliação da aptidão física no 2º período.

Em relação ao 3.º período, os testes utilizados para a avaliação da aptidão física, deram continuidade aos aspetos desenvolvidos no período anterior. Contudo, os alunos foram avaliados noutros testes já realizados durante a avaliação inicial. Esta estratégia pretendeu recolher alguns dados de comparação com os resultados obtidos no início do ano letivo. Considero uma estratégia bastante positiva, já que os alunos tiveram a possibilidade de registar a sua evolução, utilizando também este fator como motivação para a prática desportiva no período de férias.

Apesar das estratégias implementadas ao nível da aptidão física, senti muitas dificuldades na gestão dos exercícios desta área com os restantes conteúdos. Muitas vezes os exercícios não eram bem executados pelos alunos, o que levou a uma informação fidedigna da avaliação. Contudo, após o período de avaliação inicial, consegui reverter essa situação, utilizando os alunos no controlo deste tipo de exercícios. Como exemplo, no teste da aptidão aeróbia, dividi sempre a turma em dois grupos e enquanto um dos grupos realizava o exercício, o outro ficava encarregue de realizar a avaliação. Desta forma consegui preocupar-me mais com os aspetos relacionados com a execução do exercício e promover assim dados fidedignos da avaliação desta capacidade.

Relativamente à área dos conhecimentos, a estratégia passou por envolver a turma num trabalho de grupo sobre os conteúdos a serem abordados para o 8.º ano, estipulados no PCEF. Desta forma consegui avaliar de forma mais concreta a turma

em relação aos objetivos estipulados para esta área da EF e envolver os alunos na aprendizagem.

No decorrer do 3.º período utilizei também uma ficha de avaliação formativa com os conteúdos abordados ao longo do ano. A utilização de instrumentos para a avaliação dos conhecimentos é bastante importante, contudo, as reflexões realizadas no final das aulas sobre os aspetos relacionados com os estilos de vida saudável, promovem uma aprendizagem mais intuitiva. Normalmente os alunos estudam para os testes/fichas formativas e, passado algum tempo, não se lembram dos conteúdos que foram abordados. Desta forma, dei preferência às reflexões realizadas pelos alunos, para a avaliação deste tipo de conteúdos.

Relativamente à avaliação sumativa, esta “fornece um resumo da informação disponível, procede a um balanço de resultados no final de um segmento extenso de ensino.” (Rosado & Silva, 1999). No geral, consegui realizar a avaliação sumativa dos alunos, de forma correta e justa. Os alunos foram avaliados, no final dos períodos, conforme estipulado no plano anual de turma, de acordo com os critérios estabelecidos no PCEF. De destacar aqui a grande dificuldade que senti em colocar os alunos em níveis de ensino, possibilitando uma avaliação o mais correta possível.

Esta avaliação não é alternativa à avaliação formativa, ambas se complementam resultando da avaliação sumativa uma visão mais global e mais sintetizada, permitindo avaliar a retenção dos objetivos mais importantes (Ribeiro & Ribeiro, 1989, citado por Rosado & Silva, 1999). Através das avaliações realizadas no final de cada período consegui ter uma visão global do nível de cada aluno para as diferentes matérias, suportando-me por vezes nos dados recolhidos da avaliação formativa, visto que não foi possível realizar a avaliação sumativa para todas as matérias no final do período. Aqui podemos averiguar também outra vez o grande nível de complementaridade que existe entre as diferentes avaliações e também a necessidade que existe do professor estar constantemente a avaliar o progresso dos seus alunos.

Com o intuito de tornar o processo avaliativo o mais eficaz possível, recorri a um conjunto de estratégias, que me ajudassem neste processo. Como refere Carvalho (1994) o processo avaliativo eficaz passa por, criar situações de avaliação próximas à realidade encontrada nas aulas; possibilitar a recolha de informação de forma simples; utilizar situações que promovam competências dos diferentes níveis do programa; estabelecer critérios de avaliação; utilizar os alunos no processo de avaliação e conceber instrumentos de recolha e registo da informação.

Apesar das dificuldades inicialmente sentidas na avaliação inicial e na elaboração de uma avaliação formativa coerente, considero positiva a evolução que fiz

neste âmbito da educação. Ao longo do ano letivo tentei estabelecer critérios de avaliação dos alunos, através de processos de recolha de informações que me permitissem, ao longo do ano letivo, orientar e regular a minha atividade pedagógica (Carvalho L. M., 1994). A criação desses instrumentos revelaram-se importantes, não só no processo regulador do ensino-aprendizagem, como também na avaliação sumativa dos alunos. Por outro lado, a utilização dos alunos como agentes avaliativos reforçou o compromisso da turma com as tarefas propostas, promovendo uma evolução significativa nas aprendizagens.



### 3.1.3. Condução do ensino

Considero a condução do ensino uma das áreas mais importantes na primeira fase de adaptação à realidade escolar. Penso que o facto de já ter lecionado noutros contextos, possibilitou uma adaptação mais rápida, e com isso obter melhores resultados em relação aos objetivos propostos no guia e no plano de formação.

Em relação às competências de condução de ensino, senti poucas dificuldades desde o início do ano letivo. O facto de já ter alguma experiência ao nível da lecionação e do treino possibilitou-me construir um caminho seguro para a aquisição e evolução destas competências. Como sugere o Guia de Estágio (2013), “no início do ano, as preocupações formativas deste domínio recaiam sobretudo no estabelecimento das competências de gestão das rotinas organizativas mais gerais a adotar na aula”, e desta forma consegui criar rotinas para a instrução, para o decorrer da aula e na parte final que, como já foi referenciado neste documento, estabeleci várias estratégias. Ao longo do ano letivo consegui criar rotinas nas aulas, perfeitamente identificadas pelos alunos, o que me permitiu focar o meu trabalho principalmente nas aprendizagens, no *feedback*, e não tanto nos comportamentos fora da tarefa, embora, por vezes, existisse situações inesperadas que necessitavam de algumas correções.

Com o decorrer do ano, senti uma evolução bastante positiva na minha formação, tanto ao nível da gestão como em termos da organização de aulas. Uma das minhas dificuldades prendia-se com a gestão do tempo de aula, pois não conseguia realizar uma pequena reflexão no final de cada aula. Ao longo da 2.<sup>a</sup> etapa foi estabelecer estratégias que me permitissem realizar algum tipo de reflexão sobre os objetivos abordados em cada aula, como também utilizar este tempo para introduzir os conteúdos da área dos conhecimentos como estava descrito no planeamento. Para o efeito, alterei a estrutura das aulas utilizando primeiro uma abordagem massiva sobre uma matéria, durante quinze minutos da aula e no tempo restante dividir a turma em dois grupos de trabalho com situações de jogo reduzido. Esta estratégia ajudou-me a controlar a gestão do tempo da aula e desta forma conseguir o tempo necessário para a reflexão final. Esta foi uma das estruturas que passei a adotar nas minhas aulas de 90 minutos, podendo intercalar com um trabalho por estações com diferentes matérias durante todo o tempo da parte principal da aula. Em qualquer uma das estruturas a turma revelou rotinas bastante satisfatórias permitindo-me focar noutros aspetos da aula, tais como, o *feedback* e as demonstrações.

Relativamente à utilização dos estilos de ensino usei maioritariamente estilos por comando e tarefa, dando posteriormente uma maior autonomia aos alunos

consoante a sua evolução e capacidade de trabalho em grupo. A título de exemplo na matéria de voleibol podia definir objetivos para um determinado grupo e controlá-lo à distância, enquanto que para outros grupos de alunos teria que fazer a demonstração do que era realmente pretendido e fazer um controlo mais rigoroso para que os alunos não recorressem a comportamentos fora da tarefa. Para este tipo de situações o conhecimento dos alunos e a formação de grupos foi preponderante e uma grande ajuda para que as aulas corressem de forma fluida e com um clima propício à aprendizagem dos alunos. Nas duas primeiras etapas os estilos de ensino utilizados foram exclusivamente o estilo de ensino por tarefa e o estilo de ensino por comando, por serem estilos mais diretivos e centrados no professor. Desta forma, foi mais fácil garantir o controlo da turma, algo que é fundamental nesta etapa para conseguir criar condições de aprendizagem, já que os alunos não apresentavam autonomia para terem uma participação ativa no seu processo de ensino-aprendizagem. Como constatei ao longo das etapas, a utilização predominante de estilos por comando e tarefa facilitou bastante o controlo e gestão das aulas, possibilitando desta forma a abordagem a estilos de ensino mais autónomos nas duas últimas etapas, sem perder o rigor e o controlo sobre a turma. Exemplo disso foi o facto de em várias aulas, no decorrer já da última etapa, os alunos não precisarem de um controlo tão acentuado da minha parte para que os níveis de prática motora fossem satisfatórios. De destacar que nas matérias de voleibol e de basquetebol, o nível de organização da turma era muito positivo. Nestas matérias os alunos recebiam as instruções sobre os grupos e os objetivos e rapidamente se organizavam realizando a situação de jogo planeada.

Ao nível da instrução inicial cumpri os objetivos propostos. Criei rotinas de início da aula para que pudesse garantir a atenção de todos os alunos e assim perder o mínimo de tempo possível neste tipo de instrução. As estratégias adotadas para dar uma instrução curta, focada nos aspetos fulcrais da aula, revelaram-se um ponto fundamental na prática letiva, melhorando, conseqüentemente, todos os outros aspetos. Comecei por perder menos tempo na instrução, distribuindo a informação fornecida aos alunos em vários pontos ao longo da aula. Assim consegui obter um maior controlo sobre a turma, o que me ajudou também na gestão de outros aspetos organizativos.

Em relação ao acompanhamento da prática dos alunos, ao princípio senti dificuldades porque estava sempre atento a tudo e a querer dar atenção a todos individualmente, o que se veio a revelar ser uma tarefa muito difícil de realizar. Posteriormente, adotei algumas estratégias que me facilitaram e ajudaram no acompanhamento das tarefas. Recorri várias vezes à demonstração dos exercícios por parte de um aluno, identificando erros comuns que grande parte dos alunos

poderia executar. Utilizei estratégias para dar feedback a meio dos exercícios identificando sempre os erros mais comuns da turma e assim manter os alunos empenhados nas tarefas que estavam a realizar e a serem propostas por mim.

Relativamente ao deslocamento e controlo da turma numa primeira fase senti dificuldades colocando-me por vezes de costas para alguns exercícios ou então mal transmitia *feedback* para alguns alunos durante uma rotação do exercício. Mais tarde e após conversas com os orientadores e com os colegas do NE estabeleci estratégias para que estas situações não se voltassem a repetir, melhorando o meu posicionamento em relação à turma, utilizando o *feedback* para comprometer os alunos nas práticas motoras que eram propostas e principalmente utilizando o controlo à distância dos grupos. Esta utilização do controlo à distância é preponderante para que os alunos percebam que mesmo sem o professor estar por perto ele está sempre atento ao que os alunos estão a fazer, e desta forma conseguimos controlar os comportamentos fora da tarefa que alguns grupos de alunos poderiam vir a demonstrar. Consegui melhorar ao nível do deslocamento, focando-me essencialmente na rotação pelos espaços constante, o que possibilitou melhorar também ao nível do *feedback*, atendendo a que com uma rotação rápida pelos espaços o *feedback* direcionado para a turma, ou até mesmo o *feedback* à distância não têm uma preponderância tão acentuada. Com esta estratégia consegui adequar o meu *feedback* e direcioná-lo para o aluno, diferenciando-o sempre quanto ao tipo e quanto à forma.

Baseado nos balanços efetuados atualmente, consigo assegurar os procedimentos necessários para a prevenção dos comportamentos inapropriados dos alunos. Como já foi referido, tive especial atenção na formação dos grupos de trabalho definindo tarefas adequadas e desafiantes para cada grupo e tentei manter os alunos sempre focados nas atividades propostas. Recorri a paragens breves, ao longo da aula, para poder demonstrar exercícios que estavam a ser bem executados, de forma a que a turma/grupo pudesse ter noção do que era pretendido e do que não deveria de ser feito em cada exercício. A formação de grupos torna-se bastante importante para prevenir situações desadequadas e neste aspeto consegui criar tanto grupos homogéneos como heterogéneos de forma a não criar situações de comportamentos inapropriados. Esta estratégia revelou-se bastante positiva mas não foi a única adotada ao longo desta etapa. Considero que para além da formação de grupos, a relação que consegui estabelecer com os alunos desde o primeiro contacto revelou-se também uma grande ajuda na resolução destas situações. Procurei criar uma boa relação com os alunos, utilizando-os sempre que possível as demonstrações, separando os casos mais problemáticos, definindo tarefas adequadas e desafiantes

(diferenciando o ensino). Otimizei a minha circulação pelo espaço, consolidei os grupos de trabalho e formas de organização da turma consoante os comportamentos evidenciados nas aulas das várias matérias, variei os estilos de ensino dependendo da relação dos alunos com as matérias e em momentos de aula jogando com os alunos. Estas foram as principais estratégias que apliquei ao longo das etapas de formação, estratégias essas que estão devidamente fundamentadas no plano anual de turma, faltando apenas, como já foi referenciado, fundamentar/justificar a sua utilização mais concretamente ao nível do plano de unidade de ensino. Para além destas estratégias, devo continuar a melhorar a minha relação com os alunos e focá-los mais nos aspetos relativos à autossuperação e deixar um pouco de parte a competitividade. No balanço da semana do professor a tempo inteiro refiro-me a esta questão da competitividade como um entrave para a aprendizagem, já que os alunos estavam mais preocupados por vezes com determinados aspetos que se relacionavam diretamente com o resultado dos jogos que estavam a realizar, do que com as aprendizagens e os objetivos das aulas. Este excesso de competitividade levou a constantes picardias entre os alunos e, desta forma, foram constantes os comportamentos inapropriados dos alunos, chegando mesmo a ter de intervir e reprimir constantemente este tipo de comportamentos.

Relativamente à relação professor-aluno, esta foi uma das minhas dificuldades no que respeita à condução do ensino. Determinei como objetivos, para a 2.<sup>a</sup> etapa de formação, estabelecer uma ligação de afetividade com todos os alunos, melhorando a minha relação quer dentro quer fora das aulas de EF. Para tal comecei a aproximar-me dos alunos, ganhando a sua confiança. Como exemplo, frequentemente jogava futebol com os alunos nos intervalos, melhorando de forma significativamente o nível de afetividade entre o professor e os alunos.

Outra estratégia desenvolvida foi a utilização do reforço positivo nas práticas dos alunos, situação que se revelou muito importante nesta aproximação à turma. Já no decorrer da 3.<sup>a</sup> etapa de formação, por vezes observava práticas e execuções técnicas ao nível das diferentes matérias e não parava a aula para utilizar o reforço positivo e comprometer os alunos para as boas práticas.

Necessito ainda de muito trabalho a este nível utilizando outras estratégias, tais como, não ter uma posição muito autoritária reprimindo qualquer comportamento que não esteja de acordo com o esperado, devo estar um pouco mais descontraído durante as aulas, optando por uma posição mais democrática e não tão autoritária.

Por outro lado, a gestão dos conteúdos das aulas é talvez um dos pontos fortes da minha atividade enquanto professor estagiário. Facilmente consigo adaptar situações de exercícios, que por vezes não correm da maneira como esperamos.

Neste aspeto a estratégia de estar preparado para as várias situações que podem ocorrer durante a aula, e também o facto de já ter experiência ao nível do treino (onde é necessário ter uma grande capacidade de adaptação dos exercícios planeados), possibilitou-me com maior facilidade criar os ajustamentos necessários, para garantir a aprendizagem dos alunos. Estratégias como a formação de grupos que podem ser facilmente reajustados, como o simples facto de eu realizar a aula com eles, revelaram-se soluções bastante importantes na gestão do conteúdo das aulas.

Em relação aos processos de observação e reflexão da atividade pedagógica, realizei autoscopias relativas às aulas que lecionei, e ao princípio foi implementada uma estratégia em que cada professor observava as aulas do colega e realizava uma crítica construtiva, no final de cada aula, de forma a receber *feedback's* dos colegas. Neste sentido, a observação pedagógica promoveu um momento de reflexão após cada aula, realizando um controlo sobre os “objetivos de diagnóstico de necessidades e de controlo da qualidade da formação didática” (Onofre, 1996).

Outra opção tomada pelo núcleo foi a de se observar todas as aulas das turmas do professor orientador, o que se revelou uma mais-valia para a minha formação. O facto de poder ter mais experiências quer de lecionação quer de observação, permite-me desenvolver de uma forma mais consistente as minhas competências.

Para finalizar, considero a relação existente com os colegas de estágio, assim como com o orientador, são impulsionadoras da minha evolução nas competências desta área. As várias reuniões organizadas pelo núcleo, permitiram apontar as principais dificuldades que tinha ao nível da condução do ensino. Sendo através da observação e registo de fichas de observação sobre as minhas práticas, ou através do *feedback* dado pelo professor orientador, melhorei consideravelmente todas as dificuldades que fui apresentando ao longo do ano. Neste sentido, o núcleo procurou sempre criar e aplicar novas estratégias para ultrapassar dificuldades que iam surgindo na lecionação das turmas que temos em comum, assim como nas turmas exclusivas de cada um.

### **3.2. Área 2 – Inovação e Investigação Pedagógica**

A realização de um estudo de investigação é uma das competências exigidas neste ano formativo. Segundo Alarcão (2001) a capacidade de investigação, assenta fundamentalmente no questionamento e na reflexão, não só sobre as nossas práticas mas também sobre tudo aquilo que nos rodeia. Os professores devem então “desenvolver competências para investigar na, sobre e para a ação educativa e para partilhar resultados e processos com os outros, nomeadamente com os colegas”.

A elaboração do projeto de investigação, trabalho conjunto com o NE, foi articulado com a disciplina de Investigação Educacional, lecionada no 1.º semestre do 2.º ano de mestrado. Esta articulação revelou-se bastante proveitosa, permitindo um acompanhamento não só da parte dos orientadores de estágio, mas também dos professores regentes da disciplina, criando bases para que todo o processo fosse desenvolvido. Deste modo, a frequência nesta disciplina possibilitou que a investigação fosse realizada com uma melhor qualidade, respeitando todas as fases que estão inerentes à construção de um projeto de investigação.

Sendo assim, começo por definir três fases distintas na elaboração de todo o processo de investigação.

A primeira fase corresponde à análise do contexto e da realidade escolar, onde se inseriu o estágio. A análise deste contexto deve permitir estabelecer áreas de investigação pertinentes, tanto para a escola, como também para o DEF, procurando desta forma contribuir com novos conhecimentos que sejam do interesse de toda a comunidade educativa.

Neste sentido, após a análise do contexto, em reuniões com os orientadores de estágio, construiu-se a pergunta de partida da nossa investigação - Importância da Educação e Expressão Físico Motora (EEFM) no 1.º ciclo – tentando perceber quais as perceções dos vários intervenientes ligados diretamente à dinâmica de coadjuvação já apresentada pelo agrupamento.

Segundo Rocha, Comédias, Mira e Guimarães (2010), “os períodos críticos das qualidades físicas e das aprendizagens psicomotoras fundamentais situam-se até ao final do 1.º Ciclo”, desta forma, estando a leção da EEFM orientada por um processo de coadjuvação, achámos pertinente investigar todo este processo atendendo a que “a falta de atividade apropriada traduz-se em carências frequentemente irremediáveis”, justificando assim, “a importância crucial desta Área, no 1.º Ciclo, como componente inalienável da Educação”.

A segunda fase caracterizou-se pela estruturação do projeto, englobando a definição da situação atual da EEFM, a importância da EEFM no 1.º Ciclo, a metodologia e procedimentos utilizados e a análise dos resultados obtidos.

Sendo a EEFM parte integrante do currículo do 1.º Ciclo, esta encontra-se englobada na área das expressões, juntamente com as expressões artísticas, prevendo um conjunto de três horas para a leção da área das expressões. Desta forma, cabe ao professor titular de turma a gestão do tempo de cada uma, o que dificulta e muito a definição da situação da EEFM na medida em que, cada professor tem autonomia para gerir o tempo de leção de uma área tão importante da educação, como já foi referido. Figueiredo (1998), refere no seu estudo que globalmente os professores inquiridos conferem uma elevada importância à EEFM no desenvolvimento global da criança, ainda que por volta de 20% desses mesmos professores atribui uma relevância de complemento curricular e facultativa à EEFM no 1.º Ciclo. Embora muitos dos professores titulares de turma confirmem a importância desta área no desenvolvimento das crianças, muitos encaram a EEFM como um complemento curricular e de carácter facultativo.

Neste sentido, o AEPM tem como particularidade, os professores de EF coadjuvarem os professores titulares de turma na leção da EEFM, apenas para o 4.º ano de escolaridade. Assim sendo, pretendíamos igualmente com esta investigação, saber qual a opinião dos professores titulares de turma e dos professores de EF, sobre este projeto.

Após a definição da pergunta de partida e dos objetivos que o projeto pretendia alcançar, realizámos a fundamentação da problemática com recurso a vários instrumentos de pesquisa. De destacar nesta área a pouca bibliografia referente à temática em análise, o que constituiu uma dificuldade acrescida na fundamentação do mesmo. Desta forma, recorremos a duas entrevistas exploratórias realizadas à diretora do AEPM e ao presidente da Sociedade Portuguesa de Educação Física (SPEF), para melhor enquadrarmos a nossa pesquisa e assim permitir avançar para a construção da base teórica da nossa investigação.

Relativamente à metodologia, foram realizados dois questionários distintos, um para os professores titulares de turma, outro para os professores de EF, visto considerarmos estes, os principais intervenientes a nível prático nas tarefas relacionadas com a EEFM. Com uma base de perguntas feita através das referências bibliográficas consultadas, o questionário foi elaborado adaptando as questões ao contexto do nosso estudo. Uma limitação encontrada relativamente à aplicação dos questionários, refere-se à definição de uma data limite para a entrega dos mesmos. Este aspeto levou ao constante atraso, dificultando assim o processo de análise e

discussão. Desta forma, o esforço dispensado para a elaboração do trabalho foi substancialmente mais elevado.

O tratamento de dados foi realizado com recurso ao programa de análise *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), permitindo desta forma, recolher todos os dados referentes aos questionários dos professores do 1.º Ciclo. Quanto aos questionários dos professores de EF, foi feito um tratamento de dados em folha de excel.

Para terminar esta segunda fase do projeto, procedeu-se à análise e discussão dos dados recolhidos, retirando conclusões que vêm reforçar a política de gestão do agrupamento, no que respeita à lecionação da EEFM no 1.º Ciclo. Como vem descrito nas conclusões do projeto de investigação, os professores titulares de turma do AEPM, atribuem uma elevada importância da EEFM, para a evolução do aluno a todos os níveis, coincidente também com a opinião dos professores de EF do AEPM. Para além da importância, todos apontam para uma inclusão da EEFM no currículo do 1.º Ciclo, referenciando a importância da sua lecionação por um professor especializado. Relativamente ao processo de coadjuvação, apesar da satisfação de todos os intervenientes face ao projeto em vigor, as principais conclusões apontam para o alargamento do processo junto de todos os anos de escolaridade do 1.º Ciclo. Contudo, esta ideia é colocada de parte pela diretora do AEPM, já que não existem horas letivas nos horários dos professores de EF para que se possa recorrer a esta medida.

Na terceira e última fase, como refere o Guia de Estágio (2013), foi realizada uma sessão de apresentação do estudo, destinada à comunidade escolar.

Para o debate da nossa apresentação, realizámos convites pessoais ao presidente da SPEF e a um docente da FMH, que acumula funções de vice-presidente da SPEF. Neste aspeto sentimos dificuldades em conseguir contactar um especialista ligado à área da EEFM, para que pudesse enriquecer o nosso debate, dando uma outra perspetiva sobre o tema em causa.

Na divulgação da apresentação foram várias as iniciativas que utilizámos, como por exemplo, a utilização de cartazes para a promoção da apresentação junto das escolas do agrupamento. No entanto, o número de participantes na apresentação não foi o esperado, ficando aquém das expectativas. Neste aspeto destaco a falta de organização do grupo em realizar uma divulgação atempada, com recurso à abordagem individual dos principais intervenientes do estudo. Na minha opinião era importante a presença de todos os professores de EF e também dos professores titulares de turma, já que os resultados apresentados e as conclusões obtidas espelhavam as suas respostas aos questionários. Para que tal acontecesse, a



utilização das reuniões do agrupamento poderiam facilitar a divulgação do projeto junto dos professores de EF, e desta forma envolver todo o grupo na divulgação do mesmo. O envolvimento do grupo seria sem dúvida uma mais-valia para todas as atividades desenvolvidas pelo núcleo, não só neste projeto de investigação, mas também nas atividades de envolvimento com a comunidade escolar.

Por outro lado, a hora da sessão também se revelou um fator condicionante, porque todos os professores titulares de turma se encontravam em tempo letivo na hora estipulada para a apresentação. Este problema poderia ter sido resolvido, se realizássemos com antecedência a preparação da apresentação. Como foi quase tudo idealizado muito perto da data, devido a incompatibilidades de horários, os professores de titulares de turma não puderam assistir à apresentação.

Considerando a minha dificuldade relativamente a apresentações em público, avalio o meu desempenho, neste aspeto, como positivo, conseguindo expor os conteúdos de forma clara e sucinta. Desta forma, preciso de realizar uma preparação com antecedência sobre os conteúdos que vou apresentar, estruturando bem a sequência, para evitar algum excesso de nervosismo.

Após a apresentação seguiu-se uma sessão de debate sobre a apresentação, mas principalmente sobre as ideias gerias que o presidente da SPEF tinha sobre o tema em questão. A participação de todas as pessoas presentes no debate, veio reforçar este momento de partilha de ideias, sendo um dos aspetos positivos do trabalho desenvolvido pelos professores estagiários.

Vários foram os temas debatidos, desde a importância da EEFM no 1.º Ciclo, com destaque para o processo de coadjuvação que ocorre no AEPM, até aos aspetos sobre quem deve lecionar e que implicações poderiam trazer, a lecionação através do professor titular de turma ou do professor especializado.

No final, conclui-se que os principais fatores que influenciam a lecionação da EEFM relacionam-se com a pouca formação dos professores titulares de turma, bem como a motivação que estes apresentam nesta área. Por outro lado, a importância dada às outras áreas existentes no currículo, leva a que por vezes a área das expressões não seja lecionada com tanta frequência como o esperado e o desejado por todos os professores. De referir ainda que, apesar dos esforços da SPEF em melhorar as condições de ensino da EEFM, poucos são aqueles que tomam uma posição para tornar a lecionação desta subárea como obrigatória. Para terminar, é necessário mencionar a importância do AEPM na organização do processo de coadjuvação, possibilitando aqui uma estratégia a ser implementada por outros agrupamentos de escolas com características similares.

Apesar do balanço que faço ser positivo, um dos pontos que devo melhorar será sem dúvida a capacidade de organização e de trabalho em grupo. Num futuro estarei inserido em grupos de EF, e nesta fase terei de demonstrar uma boa capacidade de trabalho, bem como uma grande organização para que possa dar resposta às necessidades desse mesmo grupo, departamento, ou escola.

### **3.3. Área 3 – Participação na Escola**

Ao longo do ano de estágio foram várias as atividades desenvolvidas no âmbito da participação na escola. Esta participação focou-se no desenvolvimento de atividades desportivas do DE, na coorganização de todas as atividades desenvolvidas pelo DEF, bem como, torneios e outras atividades desportivas, e também na implementação de atividades de dinamização da escola principalmente relacionadas com a atividade física com enfoque na relação com a comunidade escolar

#### **3.3.1. Desporto Escolar**

O desporto escolar é, segundo o Programa de Desporto Escolar (2013-2017), “o conjunto de práticas lúdico-desportivas e de formação com o objeto desportivo, desenvolvidas como complemento curricular e de ocupação de tempos livres, num regime de liberdade de participação e de escolha”.

Atendendo à minha experiência enquanto aluno, onde participei em vários núcleos de DE, desenvolvi grandes expectativas, não tanto com a vertente lúdica do DE, mas sim, na parte mais competitiva deste tipo de atividades, apesar de encarar o DE como uma oportunidade de complemento curricular para alguns alunos já que fora da escola muitos deles não têm a possibilidade de frequentar as atividades desenvolvidas pelos clubes.

Foi então assim que encarei o DE como uma oportunidade de formação, que me ajudasse a desenvolver as minhas capacidades como treinador/professor, tendo sempre como principal objetivo o desenvolvimento de todos os atletas, mas também, em simultâneo, tentar compreender um pouco melhor as dinâmicas existentes dentro do agrupamento relativamente a todas as atividades do DE.

Na definição do núcleo que iria acompanhar, e por sugestão do orientador, desenvolvi as atividades de planeamento, condução e avaliação no núcleo de ginásticas de grupo, juntamente com os meus colegas de estágio. Esta sugestão por parte do orientador, na minha perspetiva, fez todo o sentido, já que devido às minhas lacunas no que respeita lecionação da matéria de ginástica, poderia aqui aproveitar o potencial formativo que a experiência nesta modalidade lograria transmitir. Por outro lado, o facto de termos de desenvolver uma atividade de relação com a comunidade já tradicional no AEPM, o Festival de Ginástica da Portela, facilitou a relação entre as duas áreas de intervenção.

No que respeita ao planeamento, foram definidas quatro etapas, incluindo as duas primeiras no 1.º período, sendo a primeira de avaliação inicial, e as duas últimas no 2.º e 3.º período.

Sendo assim, o 1º período, focou-se não só na avaliação inicial, que permitiu diagnosticar o nível de cada aluno, mas também, no desenvolvimento das capacidades gímnicas básicas, atendendo à entrada de alguns alunos novos no núcleo. Este trabalho desenvolvido ao longo desta etapa revelou-se bastante importante, constituindo uma base para a planificação de todo o processo de treino para o restante ano letivo. Por outro lado, face às minhas dificuldades de lecionação das tarefas de ginástica ao nível da didática, nomeadamente nas ajudas e nas progressões pedagógicas, este primeiro contacto com a matéria ajudou-me a desenvolver e aperfeiçoar as lacunas identificadas, utilizando sempre que possível as sugestões do orientador, sendo ele um especialista na matéria em questão, mas também desenvolvendo as minhas competências a partir de um processo de descoberta guiada.

Como Onofre (1996) refere, a supervisão pedagógica com recurso a estratégias de ensino a pares, “pode estimular (a partir de um processo de descoberta guiada) o formando Supervisor a aperfeiçoar a forma como desempenha o seu papel”. Neste sentido, após o primeiro período, senti um evoluir significativo nas minhas práticas pedagógicas e uma superação face às dificuldades inicialmente assinaladas.

O 2.º período caracterizou-se pela divisão dos alunos em grupos de nível, realizando sempre um trabalho diferenciado de acordo com as capacidades demonstradas por cada aluno na etapa anterior. Esta opção proporcionou uma maior capacidade de fazer uma diferenciação do ensino, promovendo ao máximo as capacidades de cada grupo. Outro grande objetivo deste tipo de organização prendeu-se com a possibilidade de cada professor estagiário focar o seu acompanhamento num determinado grupo, promovendo a consecução dos objetivos previamente estabelecidos.

Este tipo de organização revelou-se como uma mais-valia no desenvolvimento de competências, quer da minha parte, como também ao nível dos alunos. Tive a oportunidade de acompanhar maioritariamente o grupo de alunos com um nível superior, o que me possibilitou uma ótima oportunidade de formação tanto ao nível do contacto com os alunos como também com os conteúdos lecionados. Relativamente ao contacto com os alunos, esta oportunidade serviu para melhorar a minha relação professor-aluno e ganhar cada vez mais a confiança destes. Sendo também este um dos principais objetivos para a condução do ensino na área 1, consegui desenvolver e aperfeiçoar algumas das dificuldades que tinha no relacionamento com os alunos. Através desta dinâmica foquei-me principalmente no reforço positivo das boas práticas, o que me possibilitou realizar o *transfer* para as aulas da minha turma. Relativamente aos conteúdos, a possibilidade de trabalhar elementos mais complexos,

tanto ao nível da ginástica de aparelhos como na ginástica de solo, constitui uma ótima oportunidade de formação. Assim consegui desenvolver competências relacionadas com as questões de segurança nos diferentes elementos, como também ao nível das ajudas e das progressões pedagógicas. Um dos exemplos, foi o facto de poder utilizar várias progressões para a realização do mortal no mini trampolin, quer seja através das manipulações, mais ou menos dirigidas, quer no *feedback* utilizado relativamente aos principais pontos a melhorar, e aos erros mais comuns que o grupo ia demonstrando.

Paralelamente ao DE, realizava constantemente um *transfer* para aquilo que eram as práticas pedagógicas com a minha turma, possibilitando desta forma trabalhar alguns elementos onde sentia grandes dificuldades, face às questões de segurança e às ajudas dos elementos mais complexo. Também através da organização utilizada no desporto escolar consegui compreender que a forma de estruturação das minhas aulas teria de ser revista, já que com todas as preocupações demonstradas ao nível da segurança e das ajudas, não conseguia fazer um trabalho que considera-se positivo continuando a trabalhar a matéria de ginástica de forma isolada e massiva. Desta forma, e como tinha a possibilidade de, em simultâneo, trabalhar diferentes matérias nas aulas de 90 minutos, optei por realizar as aulas de ginástica em conjunto com matérias onde os alunos tivessem um grande nível de autonomia, o que me possibilitou focar-me nos grupos da ginástica de solo e de aparelhos. Como refere Jacinto et al. (2001), os espaços de aula deverão ser polivalentes, ou seja, admitir a possibilidade de se realizarem atividades de todas as áreas e subáreas para que o professor possa optar pela seleção de matérias mais adequada. Desta forma considero que foi uma mais-valia ter a possibilidade de poder lecionar várias matérias no mesmo espaço. No futuro, e se assim for possível, irei sempre considerar esta forma de organização nas minhas práticas pedagógicas, e optar por trabalhar as matérias de ginásticas sempre integradas com outras matérias, tornando assim o ensino dessa matérias mais eficaz.

Ainda no desenrolar desta etapa, e atendendo à calendarização das atividades de DE, a participação no encontro de ginástica estava programada para o final do segundo período. Sendo assim, o planeamento sofreu algumas alterações visto que seria necessário elaborar uma coreografia de ginástica de grupo para apresentar no encontro. Mais uma vez, a participação do orientador foi preponderante no desenvolvimento de competências, pois em conjunto com ele e com os meus colegas de estágio, conseguimos desenvolver uma coreografia de ginástica de grupo para apresentar no encontro de ginástica. Este desafio levou-me a desenvolver capacidades relacionadas com o estudo autónomo, para conseguir desenvolver e

atingir os objetivos propostos. Tal como refere Onofre (1996), o estudo autónomo “é uma atividade individual de consulta a publicações da especialidade relacionadas com os assuntos abordados e problemas detetados na formação”, e desta forma, realizei um trabalho de pesquisa, através da consulta de manuais de EF e outros documentos relacionados com a matéria de ginástica acrobática para poder atingir objetivos, e trabalhar os conteúdos a apresentar na coreografia. Mais uma vez, envolvendo as diversas áreas de intervenção do professor, este aspeto proporcionou o desenvolvimento de competências numa matéria onde apresentava dificuldades, e que por esse motivo não lecionava com tanta frequência. Um dos objetivos da semana do professor a tempo inteiro, relacionava-se com a lecionação de matérias com menor abordagem por parte dos professores da turma e, com efeito, em várias aulas, aproveitei para lecionar, desenvolver e aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos através do DE, na matéria de ginástica acrobática.

Por último, o 3.º período caracterizou-se pelo desenvolvimento e continuação das tarefas propostas para a etapa anterior. Atendendo à participação do grupo no X Festival de Ginástica da Portela, onde foi apresentada a mesma coreografia do encontro de ginástica, a planificação desta etapa não sofreu alterações, embora, em conjunto com os colegas de estágio, os conteúdos propostos tenham sido adaptados à evolução dos alunos. Nesta etapa a principal característica verificada sustentou-se no desenvolvimento das minhas competências no que respeita à organização e gestão do grupo no aperfeiçoamento da coreografia. Através de um trabalho mais autónomo, onde o professor orientador tinha pouca intervenção, pude gerir e coordenar os treinos para a apresentação da coreografia. Uma das grandes dificuldades que apresentava desde o início do ano era o facto de ter pouca experiência ao nível das atividades rítmicas e expressivas. Destaco aqui o trabalho desenvolvido ao nível do DE, onde pude superar as adversidades sentidas no início do ano letivo, tendo o professor orientador deixado ao meu encargo o papel de coordenar e acompanhar a apresentação da coreografia no X Festival de Ginástica da Portela.

Considero positiva a minha prestação ao nível do acompanhamento e coadjuvação do núcleo de DE de ginástica de grupo, pois consegui superar as minhas dificuldades e atingir os objetivos propostos no projeto de Desporto Escolar (2013), tais como:

Criar um contacto próximo com a modalidade de forma a poder ganhar alguma autonomia no que respeita à criação de estratégias para garantir a evolução pessoal dos alunos; Criar oportunidades para pôr em prática os conteúdos estudados autonomamente; Entender a forma de organização a competição de desporto escolar, mais especificamente na ginástica; Compreender o processo de inscrição das equipas

de DE e aplicar esses mesmos processos na prática; Conceber várias estratégias de organização das sessões, criando oportunidades que ajudem os estagiários a desenvolver as suas competências dentro das várias matérias da ginástica (pp.8-9).

### **3.3.2. Atividade Interna**

Utilizando a definição de atividade interna proposta no Programa de Desporto Escolar para 2009-2013, esta consiste no “conjunto de atividades físico-desportivas enquadradas no Plano Anual de Escola, desenvolvidas pelo grupo/departamento de Educação física”. Nas primeiras reuniões de departamento, com a elaboração do PAA, várias foram as atividades propostas no âmbito das atividades físico-desportivas. Como professor estagiário, estive envolvido na organização e dinamização de diversas atividades: Torneio de Basquetebol, Gaspar a Rematar (torneio de futebol para os alunos do 3º ciclo), Torneio de Ginástica, Torneio de Badminton, Megas de Atletismo, Tribola (torneio inter-turmas de basquetebol, futsal e voleibol), Pentatlo Escolar e Torneio de Voleibol. Não querendo descrever a organização de todas as atividades desenvolvidas, prefiro destacar a importância e a influência destas atividades em duas vertentes.

A primeira, reflete-se na importância que estas atividades têm na dinâmica e no desenvolvimento do espírito de grupo no seio das turmas. Como pude constatar, estes momentos promovem as relações entre alunos, não só naqueles que estão diretamente ligados às atividades, mas também em todos aqueles que se deslocam para apoiar os colegas da turma. Como exemplo disso mesmo, foi o facto de no torneio Tribola, para além dos atletas que estavam em competição, as bancadas do pavilhão encheram-se no apoio às turmas, promovendo desta forma a afetividade entre todos.

Por outro lado, a forte componente formativa que a organização destas atividades promove nos professores do DEF, é outro fator que influenciará a minha prática como professor no futuro. A troca de experiências e o relacionamento dos professores sai fortemente favorecido com a organização conjunta de todas estas atividades.

Por último queria destacar a componente formativa das várias atividades, onde tive a oportunidade de ser juiz e árbitro em várias matérias distintas. Esta componente revelou-se importante, principalmente como juiz de um torneio de ginástica, já que através das experiências e da colaboração de outros professores consegui criar um conjunto de critérios para a avaliação dos alunos nas suas execuções. Esta componente foi transferida para as minhas aulas, onde consegui mais facilmente proceder à avaliação dos alunos.

### **3.3.3. Dinamização da Escola**

“A preparação da atividade de participação na escola implica que o estagiário conheça os processos organizacionais que caracterizam o contexto escolar em que está a intervir” (Guia de Estágio, 2013). Como referido no Projeto Educativo (2011), do AEPM, uma das prioridades de intervenção é a “programação de atividades de promoção de estilos de vida saudáveis” através da “organização de atividades no âmbito da Educação para a Saúde nas vertentes (...) Atividade Física”. Foi com este contexto, que partimos para a elaboração do projeto de bicicleta, projeto esse, que visou a promoção dos estilos de vida saudável, no que respeita à promoção da atividade física, bem como o envolvimento de toda a comunidade educativa. Neste campo, outro dos princípios orientadores do AEPM, indicados também no PE, é o de “promover o envolvimento de toda a comunidade educativa nas atividades do agrupamento”, e sendo assim, foi com relativa facilidade que recebemos a aprovação por parte da direção da escola para a sua implementação e dinamização.

Como já foi mencionado, o objetivo principal do projeto foi o de organizar uma atividade de promoção da atividade física não só para os alunos, como também para toda a comunidade educativa, com o intuito de envolver todos os intervenientes na promoção de um estilo de vida saudável. Existindo a necessidade de “incrementar a actividade física e o exercício regular na vida das pessoas (...) urge educar a população para a saúde, encorajando-a e preparando-a para que inclua actividade física no seu quotidiano” (Maia & Vasconcelos, 2001).

Contudo, existiram algumas lacunas que podem ser melhoradas em eventos deste tipo num futuro próximo. Em primeiro, qualquer prática para a alteração de comportamentos nas pessoas deve ser visto como um processo em desenvolvimento no tempo. Sendo um dos objetivos a promoção de hábitos de vida ativos, através da atividade física será importante criar processos de intervenção ao longo do tempo pelo que é necessário dar continuidade ao projeto desenvolvido pelo núcleo de estágio nos anos seguintes. Na minha opinião é necessário promover mais atividades ao longo do ano letivo para que este objetivo tenha um maior impacto na comunidade envolvente. Através dos questionários aplicados conseguiu-se perceber a satisfação dos participantes, mas que estes, não tomam iniciativas por vontade própria, preferindo ficar à espera que estas iniciativas sejam postas em prática por outros. Desta forma, é fundamental criar mais iniciativas deste tipo, que levem à alteração de comportamentos por parte dos participantes, sensibilizar ainda mais as pessoas para as vantagens de uma atividade física regular alertando para o facto de que as pessoas



não podem ficar à espera que as atividades apareçam e sim que essas mesmas pessoas criem as suas próprias rotinas desportivas.

Para colmatar esta desvantagem do nosso projeto, foi proposto em reunião de departamento, que o projeto pudesse ser implementado pelos professores de EF nos anos seguintes, ou até mesmo por outros núcleos de estágio que possam realizar as suas tarefas no seio do agrupamento.

No que respeita à divulgação do projeto, apesar dos meios disponibilizados pela junta e pela direção do agrupamento, este carece de algumas reformulações para que se possa aumentar o número de participantes ao longo dos anos. O número de participantes, cerca de 60, ficou um pouco aquém do esperado, pelo que, em conjunto com a junta de freguesia, seria imprescindível uma maior sensibilização e divulgação do evento. Como a divulgação foi feita apenas duas semanas antes do evento, grande parte da população não teve o conhecimento necessário para que existisse uma maior adesão. Neste aspeto existem várias medidas que poderão fazer parte de outros eventos dos quais espero vir a participar, tais como, a colocação de cartazes por parte da junta em todos os edifícios da freguesia, procurar o comprometimento de todos os professores do DEF para a divulgação do evento junto das suas turmas e encontrar estratégias de divulgação através do contacto individual com os alunos do AEPM, sendo estes o principal meio de comunicação com o exterior.

Uma das grandes lacunas na divulgação deve-se ao facto de a atividade não ter sido apresentada em reunião de departamento. Como já foi referido, o compromisso junto dos professores de EF levaria a um maior número de participantes o que traria um maior impacto junto da comunidade e ajudaria a realização dos objetivos propostos.

Relativamente aos recursos materiais e humanos, conseguimos de forma positiva colmatar todas as necessidades da atividade. Neste campo o facto de o agrupamento ter ao seu dispor um conjunto de bicicletas e capacetes para segurança foi sem dúvida uma mais-valia. Contudo existem ainda muitas coisas que podem e devem ser melhoradas.

Um dos pontos mais relevantes foi a falta de policiamento para haver um controlo na segurança dos participantes, apesar de tudo ter decorrido dentro da normalidade, se o número de participantes fosse superior, teríamos de cancelar o evento por falta de policiamento, já que existiria um risco elevado no que respeita à segurança dos participantes. Com os recursos humanos que tínhamos à disposição, professores de EF, professores estagiários e alunos do curso profissional, conseguiu-se realizar a atividade com as condições mínimas de segurança, mas para eventos futuros e imprescindível o policiamento da atividade.

Em relação aos recursos materiais um dos fatores limitadores da atividade prende-se com o uso de equipamento que nem todas as pessoas têm acesso. A utilização da bicicleta tornou-se um fator limitador como também o uso de capacete. Desta forma é necessário arranjar estratégias para colmatar a falta de equipamento. Como já foi referido, o agrupamento disponibilizou um conjunto de equipamentos que possibilitaram colmatar algumas lacunas mas com o aumento de participantes o material disponível poderia não satisfazer as necessidades. Neste sentido seria importante procurar suporte, ao nível de patrocínios com grandes superfícies comerciais desportivas, como a Sport Zone ou a Decathlon, para que por um preço simbólico os participantes pudessem adquirir o material para a realização da atividade. Esta seria uma grande evolução no evento já que desta forma os participantes não só poderiam participar no como também adquiriam material desportivo para continuarem com a sua prática de atividade física regular. Outra solução que me pareceu viável, poderia ser o aluguer das bicicletas e dos capacetes para quem não tivesse o material necessário.

Estas duas estratégias poderiam aumentar o número de participantes, sendo que para isso seria necessário a colaboração não só da junta de freguesia como também da câmara municipal de Loures, na angariação dos patrocínios.

Por último, a utilização de fichas de inscrição não se revelou minimamente proveitosa já que teve de ser realizada a inscrição de todos os participantes no próprio dia. A utilização de apenas um pré-questionário para saber qual a aceitação do projeto bastaria para ter uma noção do número provável de participantes e desta forma confirmar com a junta de freguesia o material necessário para a realização do mesmo. Poucas foram as inscrições realizadas sendo que a maior parte dos participantes realizou a inscrição no dia.

Para terminar, este tipo de iniciativas têm um papel importante na sociedade atual. Segundo Coelho, et al., (2008) “O sedentarismo é um dos principais responsáveis pelo número crescente de casos de obesidade em Portugal”, pelo que urge intervir ao nível da atividade física nos nossos jovens, e desta forma influenciar os comportamentos dos nossos cidadãos do futuro. A responsabilidade na promoção da prática de uma atividade física regular, não é apenas dos professores, ou de uma escola, mas é nela que se inserem os jovens, aquelas pessoas que devemos influenciar e que farão parte da nossa sociedade num futuro, pelo que o papel dos professores e da escola assume uma importância extrema na promoção dos estilos de vida saudáveis.

### **3.4. Área 4 – Relação com a comunidade**

#### **3.4.1. Acompanhamento da direção de turma**

Para educar uma criança, é necessário o esforço de toda uma aldeia.

Provérbio africano  
(Estanqueiro, 2010 citado por Favinha, Góis, & Ferreira, 2012)

Apesar de não ter conhecimento em contexto real das atividades inerentes à direção de turma, desde cedo percebi que o seu papel era bem mais complexo do que inicialmente pensava.

Ao longo do ano letivo foram várias as funções que me foram solicitadas no que diz respeito ao acompanhamento da direção de turma. De entre essas ações destacam-se a participação nas reuniões do conselho de turma, as reuniões com encarregados de educação e também a elaboração de diversos documentos de caracterização da turma.

Após o ano de estágio reconheço a importância do trabalho desenvolvido pelo diretor de turma, pois é a partir dele que se estabelecem as relações entre a turma, o grupo docente e os encarregados de educação. Favinha et al. (2012), reconhecem como fulcral o trabalho desenvolvido pelo diretor de turma “enquanto coordenador de uma equipa de trabalho, pois contribui de forma decisiva para (...) identificar e caracterizar as situações problemáticas da turma...”, enquanto que Boavista e Sousa (2013), identificam “este gestor pedagógico como acumulando uma tripla função, ou seja, a relação esboçada com os alunos e com os encarregados de educação, além da relação estabelecida com os demais professores da turma”.

Relativamente às reuniões de conselho de turma, tinha uma grande expectativa em saber quais as principais preocupações dos professores, quais os pontos principais que seriam tratados e discutidos neste tipo de reuniões. Com agrado, verifiquei uma preocupação constante de todos os elementos que compõem o conselho de turma, os quais tentaram perceber os problemas que afetavam o ensino e a condução das suas aulas, havendo espaço também para a discussão de estratégias a adotar por parte dos docentes para melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Favinha et al. (2012), “os docentes estão integrados em equipas pedagógicas, o que implica que trabalhem colaborativamente em prol de um objetivo comum: a melhoria das aprendizagens”. Com efeito, principalmente ao nível das reuniões intercalares, todos os professores demonstraram um clima de interação e entrosada na resolução dos problemas que limitavam a aprendizagem dos alunos.

Contudo, ao nível das reuniões de final de período e à medida que iam avançando no ano, os problemas relativos à condução do ensino e às aprendizagens dos alunos passaram para segundo plano, dando primazia às questões relacionadas com a avaliação. Um dos exemplos, foi o facto de não ter sido realizada a reunião intercalar do segundo período, passando um período de tempo bastante alargado sem que o conselho de turma se tenha reunido.

No que respeita à interação com os professores que compunham o conselho de turma, considero positivo o desempenho das minhas funções, apesar de ter sentido um pouco a falta de uma maior interação com o restante corpo docente. Segundo Favinha et al. (2012) “existe falta de reflexão, partilha e debate no seio dos professores”, e quanto a este aspeto me critico devido a falta de proatividade e capacidade para mudar esta tendência, apesar de algumas conversas informais que fui tendo em conjunto com a diretora de turma e com alguns professores que demonstravam problemas no decorrer das suas aulas.

Outro dos aspetos relacionados com a função do diretor de turma é a sua relação com os EE. Segundo Roldão (2007), “a função de diretor de turma incorpora um conjunto de vertentes de atuação correspondendo aos seus diversos interlocutores: alunos, professores e encarregados de educação”.

Quer através das reuniões isoladas com os EE ou através das reuniões de pais, a necessidade de aproximação dos EE com o desempenho e a vida escolar do seu educando é uma das principais funções de um diretor de turma (Favinha et al. 2012). Assim sendo, esta sempre foi uma preocupação bem acente relativamente às minhas funções no acompanhamento da direção de turma. Ao longo do ano letivo, tentei estar sempre presente em todas as reuniões com os EE, por entender que o relacionamento com os pais dos alunos é fundamental para percebermos como podemos lidar com determinadas situações e principalmente que tipo de necessidades é que os alunos se deparam no seu quotidiano.

Relativamente às reuniões do conselho de turma, foram apresentados os documentos relativos à caracterização da turma e aos testes de autoconceito e sociometria. Através das reuniões tentei colocar os docentes a par de todas as informações que ia produzindo em conjunto com a diretora de turma, procurando desta forma melhorar a intervenção de todos no contexto de sala de aula.

Um dos grandes objetivos que determinei para esta área relacionava-se com a capacidade de intervir, juntamente com a diretora de turma, em todas as funções inerentes ao seu trabalho. Demonstrei empenho no trabalho realizado ao longo do ano e uma capacidade de trabalho bastante positiva, ajudando sempre a diretora em todas as suas funções.

Procurei desenvolver a minha intervenção nas mais diversas vertentes do trabalho da diretora de turma, sendo através da elaboração dos diversos documentos, como o estudo de turma, ou através da participação nas reuniões do conselho de turma, de encarregados de educação, e por último, através do acompanhamento de aulas extra, impostas pela direção da escola.

Durante o 1.º período participei também em várias reuniões com os encarregados de educação o que me possibilitou também desenvolver pormenorizadamente o meu conhecimento sobre cada um dos alunos e do seu agregado familiar. Neste aspeto destaco as informações recolhidas sobre o dia-a-dia dos alunos desde a hora a que se levantam até à hora a que se deitam, informação recolhida através de conversas com os encarregados de educação. Considero estas reuniões e informações bastante úteis no que respeita ao acompanhamento dos alunos e das suas necessidades, já que através do conhecimento adquirido podemos intervir de forma mais meticulosa sobre os alunos em questão.

Para terminar, o preenchimento dos questionários, deveria ter sido realizado mais cedo do que o previsto, porque toda a informação que consegui recolher através do estudo de turma revelou-se muito importante para o desenrolar das minhas funções como docente. Desta forma faço um balanço positivo da minha prestação no acompanhamento da direção de turma.

### **3.4.2. Estudo de Turma**

Relativamente ao estudo de turma, destaco a importância que este documento teve na minha abordagem com a turma. Conhecer melhor, quer o contexto sociofamiliar e económico, quer o contexto escolar dos alunos, levou-me a perceber as particularidades de cada um e assim intervir com maior critério e de forma diferenciada.

Como indica Favinha et al. (2012):

O diretor de turma tem de realizar um trabalho de preparação que é de todo o interesse para os professores e alunos, uma vez que não nos parece eficaz e eficiente iniciar o ato de ensinar sem previamente conhecermos a turma com quem vamos trabalhar (p.11).

O estudo de turma foi realizado no final do 1.º período, e para a sua elaboração recorri aos dados recolhidos do teste sociométrico, de autoconceito, das fichas de identificação individual dos alunos e do questionário dos conhecimentos da disciplina de EF. De salientar também que todos os dados recolhidos foram apresentados em reunião do conselho de turma e disponibilizados para todos os professores para consulta.

Olhando um pouco para aquilo que foi a elaboração do documento e os benefícios que este trouxe para a minha prática letiva, considero que deveria ter realizado e apresentado todos os dados mais cedo do que aquilo que estava previsto. Sei também que este é um estudo algo exaustivo sobre a turma e que requer tempo para que sejam aplicados todos os questionários, mas as informações que consegui recolher foram sem dúvida uma mais-valia, principalmente ao nível da formação de grupos de trabalho. Desta forma, penso que os dados recolhidos poderiam ter melhorado a prática letiva dentro da sala de aula, já que desta forma poderiam alterar a disposição dos alunos em sala e rentabilizar o trabalho realizado, atendendo aos elevados índices de comportamentos fora da tarefa que a turma apresentava.

## **4. Reflexão Final**

Este foi um ano de enorme riqueza, tanto a nível pessoal como a nível profissional. O processo de estágio foi longo e cansativo, onde as tarefas que foram propostas por vezes levaram a um esforço extra da minha parte. Mesmo assim, com uma atitude humilde, de quem ainda tem muito para aprender, consegui superar mais uma fase da minha formação, que considero extremamente importante.

O momento de reflexão que se segue, tem como principal objetivo identificar as experiências marcantes vividas durante o processo de estágio, realçando os principais pontos referentes à interligação das diferentes áreas do estágio, bem como as minhas perspetivas para o futuro.

### **4.1. Transversalidade das áreas**

Relativamente à interligação das áreas, considero este um ponto fundamental na minha atividade como professor, na medida em que as áreas de intervenção revelam uma estreita ligação nas atividades desenvolvidas ao longo do ano.

Sendo a área 1 – organização e gestão das aprendizagens, a área com maior preponderância em todo o processo de estágio, esta não pode ser dissociada de todas as outras áreas de intervenção do professor. Os trabalhos desenvolvidos inicialmente nesta área, nomeadamente com a realização dos questionários de caracterização da turma, revelaram-se essenciais para a concretização do estudo de turma, referente à área 4 – relação com a comunidade. Através das aulas de educação física, onde destaco a importância da primeira aula, consegui recolher um conjunto de informações que me ajudaram a aprofundar o conhecimento relativo à turma. Estas informações ajudaram não só, na realização do estudo de turma, mas também na formação de grupos e na organização geral da 1ª etapa. As recentes alterações ao currículo dos alunos, com a exclusão de diversas disciplinas, como a formação cívica, tornam a transversalidade entre as áreas essencial para o desenvolvimento das competências e funções do diretor de turma, nomeadamente na relação com os alunos e na realização dos diversos documentos de caracterização da turma. Como foi referido, estas competências são essenciais na organização de todo o processo ensino-aprendizagem nas diferentes disciplinas, e ajudam os professores do conselho de turma a orientar todo este processo.

Por outro lado, o estudo de turma teve um papel preponderante na dinamização das minhas aulas. Através das informações recolhidas foi possível identificar a relação existente entre os alunos da turma, e assim, reajustar todo o processo de planeamento e condução do ensino. O aspeto mais importante que destaco neste documento, foi a realização do estudo sociométrico, podendo desta

forma identificar, por um lado, os alunos com maiores dificuldades de integração, e por outro, aqueles que à partida tinham uma maior influência na turma. Considero estas informações essenciais para a prática docente, uma vez que várias foram as estratégias que criei para superar as adversidades apresentadas na turma. Se por um lado, estabeleci estratégias de intervenção para a integração dos alunos menos populares, por outro, tentei ganhar a confiança daqueles que à partida, possuíam esse estatuto. Esta maneira de pensar levou-me a redefinir grupos de trabalho, conteúdos abordados e até mesmo estratégias de avaliação das aprendizagens. Todas as estratégias implementadas revelaram-se essenciais na criação de um clima de aula propício às aprendizagens e também na mediação face aos comportamentos fora da tarefa.

Noutro sentido, a relação estabelecida entre as áreas 1, 2 e 3, teve uma influência significativa nas atividades desenvolvidas nas três áreas. Em primeiro, através da lecionação da EEFM em escolas do 1.º Ciclo, consegui retirar um conjunto de informações sobre a forma de organização destas sessões, que me permitiram intervir no projeto de investigação realizado para a área 2. As carências reveladas pelo processo de coadjuvação, levaram a uma intervenção no âmbito da investigação, possibilitando assim uma avaliação sobre um tema que preocupa não só o AEPM como também a generalidade dos agrupamentos de escolas. Por outro lado, as reuniões realizadas pelo DEF permitiram identificar a importância da EEFM no 1.º Ciclo, no seio do AEPM. Desta forma, rapidamente foi identificado o objeto de estudo da nossa área 2, que culminou com a realização e apresentação do estudo à comunidade escolar, reconhecendo essa mesma importância e clarificando toda a realidade no que diz respeito à EEFM no AEPM.

Em relação ao trabalho desenvolvido no núcleo de DE de ginástica, este mostrou-se fundamental no desenvolvimento de todas as minhas atividades durante as aulas. Esta foi uma das principais dificuldades que apresentava no início do ano letivo, porque revelava inúmeras lacunas ao nível das didáticas. A minha integração neste núcleo possibilitou suprimir algumas dessas dificuldades, onde destaco o papel do orientador no meu processo de formação. Através da condução, planeamento e avaliação no DE, consegui fazer um *transfer* para todas as atividades referentes à área 1, melhorando significativamente pontos que considero essenciais nesta matéria. Ao nível das progressões pedagógicas, consegui criar situações de aprendizagem diferenciadas, possibilitando a superação e promovendo a motivação dos alunos. Melhorei também a qualidade do meu *feedback*, compreendendo as componentes críticas dos exercícios e intervindo sobre elas. E por último, desenvolvi um conjunto de



competências ao nível das ajudas, melhorando a minha intervenção junto dos alunos, para que estes conseguissem desenvolver o seu processo de aprendizagem.

Desta forma, considero que a possibilidade de formação concedida na área 3 foi fundamental, para o desenvolvimento das capacidades de intervenção junto da minha turma.

Sendo assim considero que todas as áreas foram transversais a todo o processo de formação e contribuíram na medida adequada, para o que era necessário em cada momento.

#### **4.2. Perspetivas futuras**

Ao concluir este processo formativo, consegui desenvolver um conjunto de competências que me permitem encarar com otimismo o meu futuro como professor de EF.

No início do meu processo formativo, devido à minha formação inicial ter sido feita na vertente do treino desportivo, considerava como prioridades da EF, o desenvolvimento dos conteúdos das diferentes matérias com o intuito de obter o rendimento dos alunos nas mesmas. Contudo, com o decorrer do tempo, mudei a minha visão sobre a disciplina, dando preferência à promoção do gosto pela prática regular da atividade física, à importância que essa mesma atividade tem na promoção dos estilos de vida saudável, promovendo nos meus alunos o gosto e a capacidade de, de uma forma autónoma, procurarem o envolvimento numa cultura de movimento para toda a vida.

Antes de fazer uma reflexão sobre os principais aspetos que desenvolvi neste ano de estágio, considero importante refletir primeiro sobre o meu investimento nas diferentes áreas, e de como esse investimento se revelou preponderante no desenrolar de todas as atividades desenvolvidas.

Começo por referir o investimento ao nível da organização e gestão das minhas aulas, que no meu entender, foram o alicerce de toda a minha formação. Várias foram as reflexões realizadas no início do ano letivo, sempre preocupado com a melhor forma de abordar as aulas e as diversas questões ligadas à sua organização. Todos os dias pensava e refletia sobre tudo o que se passava à minha volta, não apenas nas minhas aulas, mas também nas aulas lecionadas tanto pelo meu orientador como pelos meus colegas de estágio. Neste sentido, a implementação de rotinas, a utilização de um estilo mais autocrático e a gestão das matérias lecionadas, proporcionaram o desenvolvimento de um conjunto de competências que idealizo como essenciais para um professor de EF. A criação de climas propícios à aprendizagem, bem como o reforço das boas práticas, são duas competências que

classifico como preponderantes para que, a aprendizagem dos alunos tenha os efeitos desejados. Neste sentido acho que consegui superar as minhas dificuldades e melhorar, principalmente, o clima de aula. Outro fator que contribuiu de forma decisiva para melhorar o empenho dos alunos foi a relação que consegui estabelecer com a turma. Neste aspeto destaco a confiança e a minha postura proactiva em todas as atividades que desenvolvi durante o processo de estágio. A grande evolução que os alunos mostraram ao longo do ano, relativamente ao empenho demonstrado por todos, não foi uma coincidência, e neste sentido, destaco o meu envolvimento com os alunos como o principal impulsionador desse mesmo empenho.

Refletindo um pouco sobre a minha evolução, creio que me sinto satisfeito com tudo o que aprendi e consegui desenvolver neste ano. Mais uma vez a minha postura proactiva, na procura de aprender sempre mais, revelou-se um elemento preponderante na superação das dificuldades. Como já referi, o clima de aula e o reforço das boas práticas, foram aspetos que melhorei durante todo o ano letivo, e que de certeza, ainda tenho muito para melhorar. Por outro lado, as lacunas apresentadas ao nível do planeamento requerem uma constante procura de informação, já aqui as melhorias não foram tão significativas como assim o desejava. Relativamente à avaliação, mais propriamente no envolvimento dos alunos nas suas avaliações, julgo ter sido um fator decisivo para melhorar todo o processo avaliativo. Nesta questão, consegui realizar uma avaliação justa e correta, através da organização e planificação de vários momentos de avaliação formativa, superando algumas dificuldades evidenciadas na avaliação inicial.

Outro aspeto que destaco foi o contributo que todo o contexto onde se inseriu o meu estágio teve para ampliar a minha visão sobre a escola, sobre os agrupamentos de escola, e sobre todos os intervenientes no processo educativo. Os momentos de partilha de conhecimentos, as experiências vividas e o clima de cooperação, contribuíram, e certamente que continuaram a contribuir, para o desenvolvimento profissional e pessoal dos professores. Todas as pessoas que estão ligadas a este agrupamento foram essenciais na minha formação.

Por último, será importante referir, o clima de entreajuda e de confiança que consegui desenvolver com os meus colegas do núcleo de estágio. Todos os documentos elaborados em conjunto, todas as experiências vivenciadas, todas as horas passadas quer na escola, quer noutros contextos, foram sem dúvida um momento único de troca de experiências e de aprendizagem mútua, que vou recordar e tentar aplicar noutros contextos.

Este será sem dúvida, um ano que marcará o meu futuro como professor. A relação que mantive com os meus alunos nos vários momentos, ao longo do ano,

ficaram presentes na minha memória, e nunca me irei esquecer de tudo aquilo que aprendi, e que proporcionei aprender, a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, fizeram parte deste meu ano de estágio.

## 5. Referências Bibliográficas

- Alarcão, I. (2001). Professor-investigador: Que sentido? Que formação? *Cadernos de Formação de Professores*, 1, pp. 21-30.
- Araújo, F. (2006). A avaliação e a gestão curricular em Educação Física - um olhar integrado. *Boletim SPEF*, 32, pp. 121-133.
- Boavista, C., & Sousa, O. d. (Março de 2013). O Diretor de Turma: perfil e competências. *Revista Lusófona de Educação*, 23, pp. 77-93.
- Carvalho, L. (1994). Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. *Boletim SPEF*, 10/11, pp. 135-151.
- Carvalho, L. (1996). A formação inicial de professores revisitada: contributos da investigação sobre a socialização dos professores. In F. C. Costa, L. M. Carvalho, M. Onofre, J. Diniz, & C. Pestana, *Formação de Professores de Educação Física: Concepções, Investigação, Prática* (pp. 37-56). Lisboa: Edições FMH.
- Carvalho, L. M. (1994). Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. *Boletim SPEF*, 10/11, pp. 135-151.
- Coelho, R., Sousa, S., Laranjo, M., Monteiro, A., Bragança, G., & Carreiro, H. (2008). Excesso de peso e obesidade: Prevenção na Escola. *Acta Médica Portuguesa*, pp. 341-344.
- Costa, F. C. (1996). Formação de Professores: Objectivos, Conteúdos e Estratégias. In F. C. Costa (Ed.), *Formação de Professores. Concepções, Investigação, Prática* (pp. 9-36). Lisboa: Edições FMH.
- Favinha, M., Góis, M. H., & Ferreira, A. (2012). A importância do papel do diretor de turma enquanto gestor do currículo. *Revista Temas e Problemas*, 9, pp. 1-26.
- Gomes, M. (2010). *A Organização do Trabalho na Pedagogia Diferenciada*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Guia de Estágio. (2013). Guia de Estágio do Mestrado no Ensino da Educação Física dos Ensino Básico e Secundário. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Jacinto, J., Comédias, J., Mira, J., & Carvalho, L. (2001). *Programa Nacional de Educação Física (Reajustamento)*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Maia, J., & Vasconcelos, M. A. (2001). Actividade física de crianças e jovens - haverá um declínio? Estudo transversal em indivíduos dos dois sexos dos 10 aos 19 anos de idade. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 1, pp. 44-52.
- Ministério da Educação, D.G.I.D.C. (2009). *Programa do Desporto Escolar para 2009-2013*. Lisboa: Desporto Escolar.
- Ministério da Educação, D.G.I.D.C. (2013). *Programa do Desporto Escolar 2013/2017*. Lisboa: Desporto Escolar.
- Onofre, M. (1996). A Supervisão Pedagógica no Contexto da Formação Didáctica em Educação Física. In F. C. Costa (Ed.), *Formação de Professores. Concepções, Investigação, Prática* (pp. 75-118). Lisboa: Edições FMH.
- Rocha, L., Comédias, J., Mira, J., & Guimarães, M. (2010). *Metas de Aprendizagem*.
- Roldão, M. (2007). O director de turma e a gestão curricular. *Cadernos de Organização e Administração Educacional*.
- Rosado, A. (2003). Conceitos básicos sobre Planificação Didáctica. In V. Ferreira (Ed.), *Pedagogia do Desporto - estudos 7* (pp. 27-47). Lisboa: Edições FMH.
- Rosado, A., & Silva, C. (1999). Conceitos básicos sobre avaliação das aprendizagens. In V. Ferreira (Ed.), *Pedagogia do Desporto - estudos 6* (pp. 21-44). Lisboa: Edições FMH.
- Teixeira, M. (2007). *Dificuldades dos professores estagiários de educação física no ensino: sua evolução ao longo do processo de estágio pedagógico*. Tese de mestrado, Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa.

**Legislação consultada:**

Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de Abril – Ministério da Educação

**Documentação da Escola e NE:**

Agrupamento de Escolas Portela e Moscavide. (2012). *Projeto Educativo Quadriénio 2011/2015*. Loures.

Agrupamento de Escolas Portela e Moscavide. (2012). *Regulamento Interno*. Loures.

## **6. Anexos**

(Em CD, formato digital)